

**A SATISFAÇÃO COM A VIDA EM CONTEXTO DE INSALUBRIDADE:
ESTUDO ANTROPOLÓGICO EM UM LIXÃO.**

MARISA SÁ LEITÃO DE CASTRO SOARES

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA**

39
5676 s

Recife, novembro de 1997

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

**A SATISFAÇÃO COM A VIDA EM CONTEXTO DE INSALUBRIDADE:
ESTUDO ANTROPOLÓGICO EM UM LIXÃO.**

MARISA SÁ LEITÃO DE CASTRO SOARES

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do Grau de Mestre em Antropologia, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Roazzi, à Banca Examinadora da Universidade Federal de Pernambuco.

Recife, novembro de 1997.

Acervo: 172417

JV.06

PE-00030864-7

Universidade Federal de Pernambuco
BIBLIOTECA CENTRAL
CIDADE UNIVERSITÁRIA
CEP. 50670-901 - Recife-Pernambuco-Brasil

2-919/06/04/98

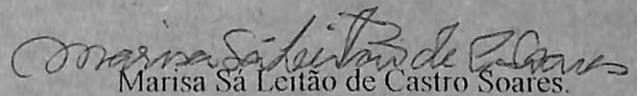
AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Dr. ANTONIO ROAZZI, pela sua dedicação em muito ultrapassando seu papel para estar muitas vezes ao meu lado, como co-autor dessa obra.

À Professora Dra. MARIA DO CARMO BRANDÃO, presença decisiva do ingresso à conclusão desse meu mestrado.

Ao meu filho MATEUS, a quem devo todo o trabalho de computação, tantas vezes feito com a mesma disponibilidade.

A todos minha carinhosa gratidão.


Marisa Sá Leitão de Castro Soares.



Não há luz nas trevas, mas o oposto pode ser verdadeiro ... e em torno daquela pura sujeira, o céu, o sol, o dia imenso e duro dos bagulhadores dos lixões !

O lixão, o ventre das cidades (de terceiro mundo) em que se cristalizam as imagens da repugnância, donde se desprendem pestes. Um intestino vivo, local onde há combustão espontânea em meio a odores e fumaça, transformando toda matéria ali acumulada, inclusive o homem, que passa a viver no ânus do mundo. Sobre o lixo, um movimento anárquico do fervilhar das larvas revelando animalidade e dando uma aura pejorativa à multiplicidade agitada tanto dos vermes, como dos homens, a cada despejo de mais uma carrada de lixo. Um esquema de animação que é arquetipo do caos, uma agitação de metamorfoses, inclusive nas mulheres grávidas que ali conceberam seus filhos do caos. Pessoas que vivem separando vidro, de saco plástico, de papelão, de latas e se separando de sua condição humana num total recuo ante uma condição salubre de vida. Mantém o predomínio das idéias ainda que limitadas, em detrimento dos sentimentos que não podem conviver com aquele cotidiano tão paradoxal.

Pessoas que constituem um grupo social nos subterrâneos de uma cultura, habitados por esses homens-moscas, por esses homens-ratos, num contínuo desafio sobre a morte.

SUMÁRIO

Agradecimentos,	ii
Epígrafe,	iii
Sumário,	iv
Índice de Quadros, Fotos, Tabelas e Projeção,	v
Resumo,	vi
Introdução,	1
Capítulo 1 : Ecologia Cultural: Revisão Panorâmica,	6
Capítulo 2 : Antecedentes Histórico-culturais: da Insalubridade e do Lixo,	13
Capítulo 3 : Pobreza e Ecologia Cultural,	19
Capítulo 4 : Visão Etnográfica do Lixão de Aguazinha,	27
4.1- Aspectos Físico-Ambientais,	29
4.2- Aspectos Observacionais,	34
Capítulo 5 : Apresentação do Método e Análise dos Resultados,	43
5.1- Método,	43
5.1.1- Amostra,	43
5.1.2- Procedimento,	45
5.1.3- Entrevistas,	46
5.1.4- Questionários Estruturados,	47
A- Escala do Bem-Estar Subjetivo,	48
B- Fatores de Qualidade de Vida,	50
C- Listagem de Medos,	51
D- Explicações Causais de Pobreza,	52
5.2- Resultados e Discussão,	53
5.2.1- Atribuição de Causalidade à Pobreza,	54
5.2.2- Forma Adaptativa de Vida,	61
5.2.3- Satisfação com a Vida,	69
Conclusão,	76
Referências Bibliográficas,	80
Anexo 1 - Roteiro da Entrevista,	83
Anexo 2 - Dados de Identificação,	84
Anexo 3 - Escala de Bem-Estar Subjetivo,	85
Anexo 4 - Fatores de Qualidade de Vida,	86
Anexo 5 – Listagem de Medos,	87
Anexo 6 – Explicações Causais de Pobreza ,	88

ÍNDICE DE QUADROS, FOTOS, TABELAS E PROJEÇÃO

QUADROS

Quadro 1: Localização do Lixão de Aguazinha, 28

Quadro 2: Mapa de Localização das Áreas-alvo Para Destino do Lixo na RMR-Norte, 31

Quadro 3: Diagrama de Fluxos de Resíduos na RMR-Norte, 32

FOTOS

Foto 1: Acesso ao Lixão de Aguazinha, 34

Foto 2: Barraca de Bebidas, 36

Foto 3: Uma das Cacimbas da Comunidade, 38

Foto 4: Casebre de Família Residente, 41

TABELAS

Tabela 1: Descrição da Amostra, 44

Tabela 2: Escala do Bem-Estar Subjetivo (questionário), 50

Tabela 3: Fatores de Qualidade de Vida (questionário), 51

Tabela 4: Listagem de Medos (questionário), 52

Tabela 5: Explicações Causais da Pobreza (questionário), 53

Tabela 6: Explicações Causais da Pobreza - Variável Sexo (resultados), 55

Tabela 7: Explicações Causais da Pobreza - Variável Idade (resultados), 57

Tabela 8: Explicações Causais da Pobreza - Variável Tempo-Moradia (resultados), 59

Tabela 9: Satisfação com a Saúde - Variável Sexo (resultados), 61

Tabela 10: Satisfação com a Saúde - Variável Idade (resultados), 63

Tabela 11: Satisfação com a Saúde - Variável Tempo-Moradia (resultados), 64

Tabela 12: Listagem de Medos - Variáveis: Sexo, Idade e T. Moradia (resultados), 66

Tabela 13: Escala do Bem-Estar Subjetivo - Variáveis: Sexo, Idade e T. Moradia (resultados), 70

PROJEÇÃO

Projeção 1: Análise SSA dos diferentes sentidos de Satisfação, 73

RESUMO

Este estudo tem como **objetivo** a questão da pobreza na comunidade do lixão de Aguazinha em Olinda-PE, na sua forma adaptativa frente à insalubridade biológica e sócio-cultural em que vivem. Parte do **pressuposto** de que essa comunidade consegue adaptação nessas circunstâncias ambientais e experimenta satisfação com a vida que levam. Trata-se de um grupo de vinte famílias ali residentes, que se sentem como trabalhadores desse lixão, realizando a seleção do lixo que segue para a reciclagem. Com o **referencial teórico** da Antropologia Ecológica, situa pontos importantes como: nível de adaptação, pobreza urbana, insalubridade e lixo como invento cultural. Apresenta também uma breve Etnografia do local. Utiliza uma **Metodologia** Qualitativa, através de observações em campo e entrevista com um representante de cada família e Quantitativa, através de Questionários Estruturados: "Explicações Causais de Pobreza"(Tamayo, 1994); "Fatores de Qualidade de Vida"(Bosio, 1991); "Listagem de Medos"(Roazzi, Wilson e Federicci, 1995) e "Bem-Estar Subjetivo"(Liang, 1985); aplicados em vinte e dois moradores, maiores de dezoito anos. Qualitativamente, os dados foram submetidos à Análise Temática e Quantitativamente, à Análise Estatística Não-Paramétrica: com médias, desvios padrões e valores Z de significância e a Análise Multidimensional: método que faz uso de dados originais respeitando peculiaridades qualitativas, transformando-os em uma representação geométrica, conseguindo comparação variável por variável, considerando todo o perfil de dados. Em suas interpretações, foram ao mesmo tempo utilizados os relatos das entrevistas e os registros das observações realizadas no campo. Ao final de todas as inferências, localiza-se que o ambiente do lixão ecologicamente tão degradante, é o responsável central pela adaptação à vida, ao trabalho e à família dos que ali residem e que além de reciclarem o lixo, a comunidade reciclou seus sentimentos e conseguem ser pobres, não acomodados, mas adaptados frente à vida que levam.

INTRODUÇÃO

Realizar um estudo antropológico em uma comunidade vivendo em um lixão, significa incluir o lixo como objeto cultural de estudo, fato razoavelmente ousado, uma vez que o lixo sempre é estudado de forma técnica na competência de engenheiros, sanitaristas, urbanistas, ecologistas e atualmente, economistas.

Abordar essa comunidade que sobrevive do lixo, tentando compreender sua forma adaptativa nesse habitat, por nós interpretado como de tanta insalubridade, é penetrar numa complexa questão simbólica através dos valores que esses homens atribuem ao lixo e com os quais constroem suas histórias de vidas.

O lixo nesse final de século se anuncia como forte preocupação dos governos para o próximo milênio; seja o lixo urbano, seja o lixo atômico. Riscos de insalubridade dele decorrente, ameaçam a população terrestre. Uma nova indústria surgiu para transformar lixo em novos produtos, a reciclagem, que aproveita parte desse lixo ajudando a sanear a vida urbana e economizar matérias primas que se encontram ameaçadas de extinção. Também passou a ser, enquanto mercado informal de trabalho, fonte de renda para catadores de lixo que selecionam e vendem os diferentes tipos de lixo e para os atravessadores, que carregam seus caminhões e revendem cada tipo de lixo para os armazéns de reciclagem apropriados.

Tratar o lixo sociologicamente, colocando-o como algo instituído historicamente é bastante raro; há pouca literatura de referência Sócio-antropológica diretamente voltada para esse interesse.

Foram consultados em 1995 os arquivos LILACS e MEDLINE, no Brasil e América Latina, e nessas duas fontes não foi encontrada referência sobre lixão, abordado antropológicamente.

Nesses termos foram localizados dois trabalhos, ambos bem recentes: uma Dissertação de Mestrado em Antropologia pela UFPE, de Lídice Araújo(1997), "*Trabalho, sociabilidade e exclusão social; o caso dos bagulhadores do lixão de Aguazinha*", que traz um olhar antropológico sobre seres humanos nesse processo de exclusão social. Focaliza como ocorre essa ruptura do vínculo social e como são suas relações sociais e identidade nesse cotidiano; e também um livro publicado em 1995, de José Carlos Rodrigues: "*Higiene e ilusão, o lixo como invento social*", uma inédita, curiosa e muito bem fundada obra, que vem preencher uma lacuna, diante do fato de ser o lixo um sério problema ecológico para a sociedade moderna e por sua vez merecer considerações desse doutor em Antropologia, decifrando o significado social do lixo.

Rodrigues(1995), considera que o estudo do lixo enquanto fenômeno social, "*consiste em aproveitar daquilo que se rejeita para a natureza como sendo morto, as pulsões do que ainda vive, como cultura e como revelador de um modo de vida*" (p.11).

O lixo se compõe basicamente de dejetos, de coisas consideradas inúteis e desprezadas. Vai para o lixo o que já está morto. Na cultura industrial, morrer é mais ou menos ir para o lixo; o que se tenta é dar uma sobrevida através da preocupação contemporânea da reciclagem. Na sociedade industrial é crescente mais restos, mais subprodutos, mais lixo. As periferias das grandes cidades em todo o mundo industrial, estão lotadas de montanhas de lixo. Algo parecido com a angústia do fim do mundo, e esse é um componente fundamental da nova sensibilidade ecológica.

Esta dissertação **fundamenta-se teoricamente** nessa literatura específica e na Ecologia Cultural, que estuda comunidades humanas, tendo como problema central, "encontrar meios de descrever a especialização de um grupo e de medir

seu potencial adaptativo". O seu **principal objetivo** é estudar em que circunstâncias essa comunidade se adapta a esse meio aparentemente tão inóspito. Saber das explicações que dão ao seu estado de pobreza, dos valores e crenças que permitem o grupo viver no lixo e verificar se sentem satisfação com a vida que levam. É de significativo valor tratar esse problema ecológico sob seus aspectos antropológicos, históricos e sociológicos, principalmente porque se constitui um assunto ainda original.

Como **pressuposto inicial** temos que, diante do sofrimento, da pobreza, da miséria e da injustiça social, algumas pessoas parecem possuir uma extraordinária capacidade de adaptação e continuar a viver os bons momentos que a vida lhes oferece; ao passo que outras parecem reagir a esta situação, investindo enormes quantidades de energia com a finalidade de tentar transformá-la. Consideramos nosso grupo em estudo com essas características. Essa diferença de atitudes pode ter suas raízes na forma como o homem explica a própria pobreza e miséria, resultado de suas crenças e de sua experiência social e cultural.

Entrar em contato com essa realidade significa categorizar comportamentos, pensamentos e sentimentos sobre o fato deles viverem no lixo, convivendo com duas histórias inseparáveis; a do significado atribuído ao lixo e a do lixo em si como objeto material.

Esta dissertação se desenvolve em seis capítulos. O capítulo 1 faz uma revisão panorâmica da Ecologia Cultural ou Antropologia Ecológica, situando-a como marco referencial desta dissertação, com destaque em Marshall Sahlins e suas referências à Adaptação e Sociedade da Afluência. Ressalta o valor da Antropologia Urbana contribuindo para a compreensão dos processos sociais do nosso tempo, onde situamos o lixo; ambiente ecologicamente degradante.

O capítulo 2, trata historicamente da insalubridade que é vista como noção cultural, numa postura antropológico-urbana, que analisa a civilização industrial e denuncia violências e devastações culturais. Procura-se compreender também formas desnaturadas de vida, totalmente comprometidas na qualidade de sua existência e como o lixo se tornou um invento social.

O capítulo 3, relaciona Ecologia Cultural com pobreza. Analisa a questão dos pobres nas favelas, nos cortiços e atualmente também nos lixões, num crescimento contínuo da pobreza. Situa Oscar Lewis com seus pressupostos sobre Cultura da Pobreza como parâmetro para o estudo dos moradores do lixão enquanto pobres urbanos.

O capítulo 4, apresenta um estudo Etnográfico Exploratório, em seus aspectos Físico-Ambientais e Observacionais do lixão de Aguazinha, durante seis meses. A partir de informações colhidas e observações registradas, desencadeia uma série de análises bastante instigantes nessa pesquisa de campo. Atualiza também o primeiro levantamento etnográfico dessa comunidade realizado por Araújo, em 1994.

O capítulo 5, traz toda a Metodologia utilizada, que iniciou com a "participação observante"¹, quando eram anotados dados para uma Etnografia preliminar. Esse estudo exploratório serviu de base para todo o planejamento no que se refere à amostra, procedimentos e instrumentos a serem utilizados em campo.

Apresenta a amostra contactada, que foi de "bagulheiros-moradores"², sempre maiores de dezoito anos, entre as vinte famílias ali residentes. Teria que

¹Uma transformação da observação participante nas circunstâncias de uma Antropologia Urbana, onde o pesquisador participa mais subjetivamente que objetivamente. Raramente reside com a população que estuda. (Durhan, 1986).

²Pessoas que bagulham ou catam lixo e residem no local.

ser de pessoas numa faixa etária de estruturação de personalidade já concluída e respondendo por sua subsistência, podendo se expressar quanto as suas condições de vida objetiva e subjetiva. Apresenta também os instrumentos que foram utilizados: entrevistas e questionários estruturados.

Traz, na interpretação dos resultados, a Análise Temática, conforme Minayo(1994), sobre as entrevistas e a Análise Estatística Não-paramétrica e Multidimensional, para os Questionários Estruturados.

O Capítulo 6, apresenta a conclusão das interpretações e inferências sobre as revelações dos informantes nas entrevistas, sobre os questionários e procura relacionar a literatura pesquisada com a realidade constatada na forma como essa comunidade consegue desenvolver seu potencial adaptativo e viver satisfação com a vida que levam, convergindo os diferentes sentidos dessa satisfação para o ambiente como determinante central.

CAPÍTULO 1 – Ecologia Cultural: Revisão Panorâmica

Sob o foco da Ecologia Cultural estar-se-á tentando compreender toda a experiência de campo vivenciada durante a participação observante do lixião.

Nessa revisão ver-se-á a partir do que a Ecologia Cultural se constitui num respaldo teórico para essa dissertação.

Ecologia, deriva do grego (oikos - habitação e logos - conhecimento) e significa "o estudo das habitações", termo criado por Haeckel em 1870.

Cultura, é uma característica comum a uma espécie única, que corresponde a um conjunto de referências que orientam seu comportamento.³

A Ecologia Cultural insere o conceito de cultura no estudo ecológico do homem: é o estudo da rede de relações que existe entre as comunidades humanas e seus ambientes de vida (natural e humano).

A solidariedade com todos os seres vivos não é uma descoberta dos séculos XIX e XX; já acontecia desde a tradição animista e a franciscana cujo iniciador, São Francisco, tornou-se o padroeiro da Ecologia. Mas só com a emergência na segunda metade do século XIX da problemática ecológica, é que surgiu a condição de solidariedade interespecífica necessária à sobrevivência humana.

As raízes da Ecologia Cultural remontam ao século XIX pelo Evolucionismo (Taylor e Morgan) e Historicismo Cultural (Boas). Já no século XX, Julian Steward estabelece os princípios da Ecologia Cultural por uma visão Neo-Evolucionista (evolucionismo multilinear), onde o conceito central é o de adaptação; uma cultura vista de forma dinâmica e aberta às mudanças.

³Conceito formado a partir de Viertler(1988) em Ecologia Cultural.

A obra de Steward deixou fortes marcas estudando culturas diversas, em especial, de caçadores-coletores. Também o fizeram outros ecólogos culturais entre eles Marshall Sahlins.

Na atualidade o ecólogo cultural não se restringe ao estudo de populações simples, pesquisa sociedades complexas em suas modalidades locais, numa visão não apenas atemporal ou retrospectiva, mas também do presente e do futuro. Foi a Ecologia Cultural que passou a ser considerada como o elo entre culturas antigas e modernas, situando o homem e sua relação com o meio-ambiente.

Significa ligar a Antropologia à vida moderna, esclarecendo os processos sociais de nosso tempo e podendo indicar-nos o que deve ser feito e o que deve ser evitado. É a passagem de uma Antropologia atemporal ou retrospectiva para uma Antropologia crítica, que contesta a civilização industrial em suas formas mais avançadas e denuncia as violências e devastações culturais. Repensa a relação natureza-cultura.

A rejeição de uma vida desnaturada, no sentido de anti-natural, pelo desenfrear tecno-econômico; as tentativas de retorno às formas mais simples e/ou naturais de existência; a batalha pela Ecologia, são reivindicações por uma qualidade de vida, em oposição a um produtivismo dominante a partir do século XIX. São fenômenos que manifestam a exigência de reconstrução de relações sociais diretas e personalizadas, que podem vir a ser a nascente de identidades, de estruturas e de normas novas ou transformadas. Uma Antropologia detectando nos rituais de uma vida cotidiana, uma significação capaz de orientar comportamentos.

O comportamento das pessoas em relação ao seu ambiente é determinado pela tradição cultural. A maneira como o homem ocidental encara o seu meio-

ambiente deriva em parte da idéia judaico-cristã: o homem foi feito à imagem de Deus, tendo portanto direito de dominar o mundo. Mas já Aristóteles, dizia que as plantas foram criadas por causa dos animais e os animais por causa do homem. O homem como guardião do mundo, da natureza, leva a que haja uma separação entre os seres humanos e o resto da criação e em conseqüência, perdura até hoje a idéia da natureza tendo que ser combatida e subjugada. Foi essa atitude em relação à vida, aliada ao engenho humano, que levou às mais profundas transformações do meio ambiente físico.

O homem como elemento da natureza é noção recente no pensamento ocidental por conseqüência, em parte, do darwinismo que o definiu como outra forma de vida sobre a Terra e da atual concepção ecológica, na qual o homem é mais um componente do ecossistema geográfico.

Para Marshall Sahlins(1966), as culturas são modos de vida das sociedades humanas, são adaptações. Pela noção de reciprocidade, de certa maneira a cultura determina seu meio ambiente pela natureza dos instrumentos que emprega e por sua orientação para determinado modo de sobrevivência. A cultura determina a importância das condições externas específicas, mas é também determinada pelo seu meio-ambiente; ela se adapta às condições externas importantes a fim de elevar ao máximo as possibilidades de vida. Há um intercâmbio entre ambas e uma certa controvérsia sobre qual o fator dinâmico, se a cultura ou o meio-ambiente e a resposta é de que ambos o são. A influência de características ambientais sobre uma cultura, depende dessa cultura. Não pode-se deduzir uma cultura a partir só do seu ambiente, embora esse nunca seja passivo. Trata-se de um processo dialético: as culturas entram em relação com as condições externas e são moldadas por essas condições.

As culturas agem como forças seletivas umas sobre as outras; há uma inegável adaptação intercultural sendo nesse aspecto, os ajustes políticos e ideológicos os grandes responsáveis. Os pontos de vista sobre as adaptações são diferentes em várias teorias, mas todas coincidem em que o impulso para o desenvolvimento é gerado de dentro para fora. A perspectiva ecológica defende a relação entre o interior e o exterior, cultura e meio-ambiente, como responsáveis pela evolução. A adaptação significa elevar ao máximo as chances de vida de uma sociedade. As reações adaptativas também podem ter efeitos secundários prejudiciais, conseqüências indesejáveis para setores da cultura. Adaptar não é sempre aperfeiçoar, melhorar em performance, é agir da melhor forma possível sob as circunstâncias dadas que podem ser nada favoráveis. A capacidade adaptativa não se garante ser útil, racional, vantajosa; pode ser estúpida e conduzir ao fracasso. A queda de uma cultura é também o resultado de seu desenvolvimento adaptativo. Quanto mais adaptado é uma cultura, menos adaptável ela é. Um padrão muito rígido, restringe a capacidade de mudança. A especialização diminui o potencial adaptativo.

A capacidade de desenvolver respostas e reações alternativas diminui, decorrendo uma incapacidade de tolerar mudanças no mundo exterior, que pode significar uma seleção negativa. Quanto maior o sucesso de uma cultura, mais vulnerável ela se torna. Um modelo cultural supõe um esquema, como um padrão; serve para isolar uma cultura colocando-a contra a possibilidade de outras alternativas. Isso é bastante conhecido e funciona como defesa ideológica, como a muralha chinesa, que através de alegações fantásticas sobre o horror das condições exteriores, mantêm as pessoas nos limites das muralhas, submetidas à ordem tradicional.

O problema central da Ecologia Cultural, é encontrar meios de descrever a especialização e de medir o potencial adaptativo.

As culturas especializadas são conservativas. Tendem a acomodar as novas condições ambientais às suas estruturas muito mais do que suas estruturas às novas condições. Uma adaptação já realizada tende a reprimir as revisões adaptativas e a cair na sabotagem da capacidade industrial, por uma tendência para obsoleter. A disfunção ainda pode ser maior, quando os meios normais de sobrevivência falham e entram em ação as reservas mágicas e sobrenaturais. As grandes nações estão revelando sintomas de uma santificação defensiva (movimentos messiânicos). O respeito pelo passado se transforma em superstição. As sociedades avançadas podem criar seu próprio eclipse; entregam à adaptabilidade as culturas anteriormente estáveis e atrasadas. As sociedades então subdesenvolvidas, conseguem condições de igualdade para a luta com aquelas. A história mostra que o progresso encontra terreno mais propício nos vales culturais que nos elevados cumes desenvolvidos. Mais uma vez como diz Sahlins (1966), *"Na Ciência Social precisaremos mais do que nunca da perspectiva adaptativa, pois nenhuma cultura pode ser compreendida isolada, separada, não se considerando sua adaptação às culturas do mundo... A história de uma sociedade tornou-se a história de todas e de cada uma das outras"* (Panorama da Antropologia. 1966, 110).

A contribuição de antropólogos no trato com sociedades as quais pertencem esclarece os processos sociais de nosso tempo, entendendo muitas vezes o atual, à luz do tradicional. Não só o exótico e distante, mas o cotidiano e presente, passam a ser objetos de estudo e pesquisa.

A Antropologia passa a contribuir de forma direta sobre os processos sociais do nosso tempo, informa conhecimentos atuais e chega a uma visão também prospectiva de nossas sociedades.

A grande contribuição para toda essa mudança a partir do final do século XIX, desencadeada em plena modernidade, principalmente na década de 1920, na Universidade de Chicago, foi a eclosão de um grande e significativo número de estudos de Ecologia Humana, Urbana e Cultural.

Atualmente, os antropólogos estão cada vez mais estudando sociedades urbano-industriais. O estudo antropológico do meio urbano aconteceu a partir dos movimentos ecológicos, de pesquisar os ecossistemas humanos ou os grupos sociais em seu habitat, ou seja, suas cidades e cercanias. A chamada "Escola de Chicago" relacionava o estudo físico-social da cidade com as experiências sociológicas, psicológicas e morais da vida urbana e quanto essas refletiam na estrutura espacial das cidades. Aqui reside um dos principais desafios do antropólogo que estuda sociedades complexas: tentar interpretar sua própria cultura e questionar seus pressupostos que são muitas vezes aceitos como fatos inquestionáveis por eles próprios. Essa Antropologia muitas vezes precisa ser radical, ir à raiz dos fenômenos sem receio de desafiar tabus e conhecimentos consagrados. Passa a construir novas interpretações sobre reflexos das grandes transformações no dia-a-dia e como são elaboradas por diferentes grupos sociais.

Com a aproximação do século XXI ressalta-se mais uma vez a Ecologia Cultural nas reflexões sobre pré-modernismo, modernismo e pós-modernismo, quando se fala em consequência do progresso, como impacto sobre os ecossistemas. Há necessidade de mudanças radicais nas prioridades sociais e econômicas em busca da sanidade ecológica.

Assim a Antropologia Ecológica estudando sociedades urbanas, questionando perigos ecológicos, encarando tabus, oferece referencial de sustentação ao estudo de uma comunidade que pode ser considerada o exótico no asfalto, nas cercanias de uma cidade patrimônio da humanidade. Shalins contribui, diretamente, para a compreensão da capacidade adaptativa desse grupo que pode ser observado, pelo seu ângulo de visão, como uma comunidade com traços remanescentes de uma sociedade da afluência⁴. A questão adaptativa central considerada no estudo desse grupo, é a condição dessa comunidade conviver em um habitat tão inóspito, transformando-o num ecossistema viável para sua sobrevivência. Vale dedicar-se o próximo capítulo a um contato com a questão do lixo e da insalubridade para encaminhar-se nossas inferências sobre esse grupo a partir de como o ser humano formou o conceito do lixo como invento social.

⁴Assunto referenciado no Capítulo 3 deste trabalho.

CAPÍTULO 2 - Antecedentes Histórico-Culturais do Lixo e da Insalubridade

A noção de insalubridade foi se formando em paralelo com o surgimento do lixo enquanto invento social. Para compreendermos como mentalidades e sensibilidades, realizaram essa elaboração através dos tempos, é necessário em uma retrospectiva histórica a referência aos tempos medievais, com base na pesquisa de Rodrigues(1995), quando realizou uma análise sobre o lixo a partir da Idade Média, justificando que ela é de fato a referência contra a qual o capitalismo e a cultura industrial, territórios próprios do lixo, se definiram; e também, porque o autor reconhece muito de medieval na cultura brasileira, caracterizada por uma posição de antagonismo e resistência ao capitalismo moderno.

Considerando os limites teóricos e empíricos de uma grande generalização, que é o estudo da cultura medieval, pode-se localizar nessa época duas culturas: uma oficial da igreja e dos nobres, a dominante, e outra popular (leiga), cultura da efervescência pagã que predomina. Cultura essa das tribos que invadiram o Império Romano e preexistiram ao Cristianismo e ao Estado. Um território onde a vida acontecia e um amalgama não permitia a separação, entre natural e sobrenatural; espírito e matéria; vida e morte. As práticas medievais evidenciavam uma dificuldade de separação. Na cosmovisão medieval não havia lugar para o lixo. Com a invenção da dicotomia, algo passou a ser resíduo, dejetos; o lixo, que é aquilo que sobra da vida dos objetos, assim como o cadáver é a sobra da vida do espírito. A separação distingue: corpo mortal degradante e alma imortal; homens sãos e homens doentes; o mundo do adulto e o da criança; coisas internas e externas do corpo (secreções, fezes, hálitos); o campo e a

cidade. Toda essa tendência à separação estava embrionária, em torno do século XIV e intensamente exigente, a partir do século XVIII.

Inicia-se em 1779 o primeiro projeto de recolhimento e expulsão do lixo urbano, paralelamente em 1780, a expulsão dos cemitérios para fora das cidades, ao contrário dos tempos medievais onde os mortos permaneciam em cemitérios no centro das cidades, no centro da vida comunitária. Nesse século, o lixo ainda é fundamentalmente orgânico como os corpos e o que se desejava era expulsar a decomposição que se impregnava no solo e ameaçava com pestes.

Nessa época surgem as primeiras idéias sobre como cuidar do solo urbano calçando as ruas para evitar água estagnada, lama, lodo; canalizando-se esgotos e levando excrementos para bem longe do centro das cidades. Depois da Revolução Francesa as moradias passaram a ser construídas isoladas umas das outras. As populações pobres com mentalidades ainda medievais afastadas dos locais de residência das elites, que ficariam preservadas de odores e sujeiras dessa esfera da sociedade. Surge também na França, já no século XIX, a figura do lixeiro como personagem do imaginário social, figura de vanguarda, anunciando um mundo novo. O lixo passou a ser, em 1846, tratado por autoridades públicas. Até o final do século XIX ainda era bastante ambivalente a posição entre o lixo: se fasto ou nefasto. Os seminários médicos passaram a pesquisar todo o contágio pelo lixo através da água e do ar; essa era a grande preocupação.

Impedia-se essa circulação, como também a dos pobres e miseráveis, doentes e loucos. Ficam estabelecidas as fronteiras e predomina a individualidade. Já não mais existiam as sepulturas coletivas, as camas coletivas, os locais públicos para as pessoas excretarem; surge a privada. O território individual não podia mais ser invadido por toques e odores desagradáveis. Nessa

oportunidade cria-se perfumes, essências botânicas para o combate ostensivo a esses odores. "É sinal de fedor, o bom odor", como já dizia Montaigne, no século XVI, em seu Ensaio Sobre os Odores, séculos à frente de sua época.

As primeiras experiências médicas sobre o asseio corporal(higiene), iniciaram-se nos hospícios, asilos e navios(de prisioneiros). Era com o lixo humano que as pesquisas científicas arriscavam enfrentar os efeitos do desconhecido: os hábitos higiênicos. Até começo do século XX, os médicos recomendavam uma troca de roupa por semana; lavava-se rosto, mãos e pés, duas vezes por semana e de tempos em tempos um banho de corpo inteiro. Cuidava-se para não se perder o cascão, uma película protetora que recobria a pele e evitava o contato com águas contaminadas. O banho também sofria restrições de ordem moral, era considerado um estimulador de auto-erotismo. Com essa prática higiênica aos poucos passou-se a considerar que limpeza física é também limpeza moral e que sujeira pessoal pode significar sujeira moral. A partir disso pessoas limpas e bem cuidadas passaram a atrair atenção e amizade e a idéia de que pobre é sujo se firmou socialmente.

Desde os primeiros momentos da constituição das Ciências Biomédicas no século XIX, foi aceito que as condições de saúde são determinadas na articulação entre o meio interno e o meio externo.

A Higiene e a Medicina Preventiva procuraram identificar e quantificar o risco de fatores localizados no meio externo ou fatores de insalubridade, que pudessem ser isolados ou controlados através de medidas específicas, efetivas.

Quando problemas de saúde diferentes de doenças infecciosas e de carências nutricionais passaram a ser relevantes, considerou-se, que além dos meios físicos e biológicos também os meios sócio-político e científico, ou seja, nos ambientes culturais, eram localizados fatores de insalubridade.

Não se pensa num futuro sem doenças como também numa vida sem evolução e numa sociedade sem contrastes. Na história sempre aparecem fenômenos patológicos. Cada mutação, mesmo a mais positiva, comporta fatores de risco, fatores insalubres.

Há uma imunidade biológica, poderes típicos da nossa espécie, defesas pessoais fruto da evolução; garantem a continuidade biológica e a capacidade de selecionar e rejeitar os fatores nocivos que provêm do ambiente natural.

A imunidade é a capacidade de selecionar entre vários componentes do ambiente externo aqueles que podem ser danosos para neutralizá-los ou rejeitá-los. Essa imunidade pode ser transmitida aos descendentes, adquirida por via natural ou construída e ou fortalecida por soros e vacinas.

É uma imunidade individual, mas a evolução da espécie humana não é só biológica, é social e também cultural. Dessa forma é imprescindível uma imunidade cultural por um mecanismo evolutivo através da adaptação, de modificações conscientes de organização sanitária e social. Uma consciência sanitária coletiva de melhoria das condições de vida, onde residem os fatores de salubridade mais básicos, como : alimentação, água limpa, habitações higiênicas, educação, assistência médica primária e outros. Todos os processos econômicos, sociais e demográficos, promovem modificações profundas nas relações entre ambiente e saúde, estado e sociedade. Assim temos a acelerada urbanização como um determinante fator insalubre na medida em que desencadeia um desenvolvimento excludente, levando em 1990 o Brasil a ter 20 milhões de pessoas sem água tratada; 75 milhões sem serviços de esgoto e 60 milhões sem coleta de lixo. Toda uma mobilidade favorecida por migrações significa mais um fator de risco (insalubre) entre trabalhadores inseridos num circuito inferior da economia, levados pela expansão das fronteiras agrícolas, minerais e industriais.

Um novo modelo de desenvolvimento não pressupõe ausência de crescimento econômico, mas o seu direcionamento para atingir as necessidades das pessoas quanto à qualidade de vida. Trata-se da descoberta da nossa responsabilidade para com a natureza como um todo. Uma nova aliança entre os saberes tradicionalmente separados e concorrentes, e uma nova aliança entre a ciência natural e a humana. Nesse contexto cosmocêntrico podemos situar a questão do sujeito responsável pelo seu bem-estar e pelo do mundo, comprometido com a preservação das condições estruturais as quais pertence enquanto ser vivo.

A partir da reconstrução de um passado, pode ser sintetizado o relacionamento humano com o meio ambiente e atingida a compreensão do modo de vida de um povo e sua cultura. A compreensão do processo saúde/doença de uma forma evolutiva, onde as respostas fisiopatológicas não são mais percebidas por critérios rígidos de normalidade, mas por uma ótica adaptativa em que a doença, por vez, pode ser a melhor resposta orgânica a uma dada circunstância. É o fortalecimento do paradigma Ecológico que através da percepção proporcionada pela Antropologia pode prever, prevenir e erradicar fatores de risco à qualidade de vida dos indivíduos.

Em busca desse bem-estar, o homem transforma a insalubridade procurando formas adaptativas eficazes como mostra a história e como constatamos na comunidade do lixão, comunidade que luta pela imunidade frente a tanta insalubridade biológica e sócio-cultural.

Esse é um movimento resgatando, de forma atualizada, a cosmologia medieval: a reciclagem mostrando que nos dejetos, no morto, existe vida que pode se transformar e eles, os bagulheiros, a espera também de uma reciclagem de suas condições de vida.

O capítulo 3 expande a questão da Pobreza e da Ecologia, situando Sahlins com seu posicionamento teórico sobre a Sociedade da Afluência, para uma reflexão e entendimento sobre a comunidade do lixão. Refere também Lewis e a Cultura da Pobreza, cujos pressupostos não se confirmaram entre os catadores de lixo.

CAPÍTULO 3 - Pobreza e Ecologia Cultural

A pobreza é um estatuto social, invenção da civilização que criou a seguinte fórmula: a quantidade de fome cresce relativa e absolutamente de acordo com a evolução da cultura. Hoje, numa época de imenso poder tecnológico, a inanição é instituição (Sahlins, 1978). Um novo modelo de desenvolvimento não pressupõe ausência de crescimento econômico e tecnológico, mas seu direcionamento para atingir as necessidades das pessoas quanto à qualidade de vida e respeito a sua cidadania. Os indicadores clássicos de opulência e saúde financeira de uma nação deixam sempre de fora uma avaliação de sua capacidade de entender e melhorar a qualidade de vida. Embora a prosperidade cresça no mundo a miséria e fome crônica perduram em muitos lugares, como também doenças e mortes evitáveis.

Nas últimas décadas uma grande quantidade de pesquisas tem sido realizada sobre a explicação da causalidade da pobreza e suas conseqüências, como fundamentais na determinação da adaptação das pessoas a essa situação. Seria impossível viver-se num meio caótico, desorganizado e imprevisível que deixasse o indivíduo sem socorro e sem recurso para sobreviver. Dessa forma esse indivíduo organiza o seu meio a partir de suas crenças sociais e culturais, condições internas; e conforme seu ambiente físico, condições externas.

Considerando a pobreza urbana, esta se instala e sobrevive em favelas, cortiços, na rua a céu aberto e nos lixões; locais de moradia que se desenvolvem em habitats diferenciados como descrito a seguir.

A favela, para migrantes e nativos, é uma forma de sobreviver na cidade. O favelado é todo indivíduo ou família que não pode pagar o jogo da especulação imobiliária. São trabalhadores cujo orçamento da família não cobre os gastos com

habitação e também por se localizar próxima aos centros urbanos, evita gastos com transporte e favorece chances de trabalho para essa mão de obra analfabeta, não especializada e na maioria também desempregada. Como pau-para-toda-obra o favelado levanta seu barraco em condição de vida precária, em alto teor de contaminação ambiental sem água canalizada, sem esgotos, sem coleta de lixo, na total falta de higiene, muitas vezes comprometendo sua saúde. Ocupante de terra alheia, passa a ser definido por uma situação de ilegalidade e comprometido em seus direitos civis; freqüentemente é confundido com malandros. A favela é estigmatizada como antro de desordem e por isso precisa ser removida para segurança das famílias dos bairros próximos, como aparente solução. No entanto, continua crescendo em número e na insalubridade.

Os cortiços mantêm seus habitantes concentrados em áreas decadentes de bairros centrais, em casas antigas sem manutenção da rede elétrica e sanitária, precária em iluminação natural e ventilação. São subdivididas em pequenos espaços em torno de 4 m² (quatro metros quadrados), cubículos onde residem em média cinco pessoas. São servidos por um único banheiro e tanque para as atividades domésticas. Há também os cortiços verticais instalados em edifícios de apartamentos no centro das cidades, onde coabitam várias pessoas por apartamento. São habitações coletivas, marcadas por péssimas condições físicas e proporcionando promiscuidade e insalubridade. As razões para a moradia nos cortiços são as mesmas dos moradores das favelas, uma sub-remuneração (Kovarick, 1982).

Acentuando toda essa insalubridade exposta sobre as condições das favelas e dos cortiços, numa situação de pobreza quase absoluta, está o lixão como alternativa de vida. Um ambiente físico, ecologicamente degradante.

Nos lixões há trabalhadores desempregados que optam por catar lixo em vez de mendigar. São migrantes da zona rural e em menor número, são trabalhadores sub-remunerados, que completam a renda da família com o negócio do lixo. Um certo número deles mora no próprio lixão, outra parte passa só o dia bagulhando e retira-se à noite para seu barraco em favelas próximas. A moradia no lixão é de uma insalubridade de alto risco, já que os casebres são montados com o próprio material do lixo, em área aterrada pelo lixo, utilizando água de cacimbas cavadas na mesma área do lixão. A poluição é contínua, com o ar impregnado de odor forte e desagradável, e uma constante fumaça da combustão espontânea do lixo. Muitos ratos, moscas, urubus e muriçocas. As cabanas de um vão, têm o mínimo de móveis aproveitados do lixo e improvisados; colchões e pedaços velhos de carpete e alguns utensílios domésticos. Esses trabalhadores moram no lixo, comem do lixo e levantam uma renda mensal negociando lixo.

Roberto Mota e Parry Scott(1983), pesquisando as formas de sobrevivência em famílias de baixa renda, localizam a coleta como fonte de renda que assegura a sobrevivência de numerosas famílias. O coletor utiliza o conhecimento dos recursos disponíveis do ambiente. O que recolhe serve para seu consumo e dos seus próximos. A coleta em um meio urbano se vincula à destituição, à falta de acesso aos meios de produção mas também aos meios de sobrevivência. A coleta nos rios de Recife já constituiu, predominantemente, fonte de sobrevivência para os que dali recolhiam peixes e crustáceos para a venda, mas com a crescente poluição das águas essas espécies aquáticas diminuíram bastante e em alguns locais desapareceram. Também os aterros, com a ampliação das áreas imobiliárias, expulsaram esses coletores, que sem coleta, passaram a procurar outras alternativas ou a mendigar.

Tiveram que buscar nos lixões outro espaço para suas coletas, numa nova alternativa. Inicialmente eram catados os alimentos, depois não se limitou a essa necessidade e passou a ser coletado o que do lixo poderia ser aproveitado por indústrias de reciclagem. O lixo passou a ter valor de venda e de compra. Para muitos coletores o lixo é a única fonte de renda, para uma menor parte, complemento de renda familiar. Nesse contexto, menores e adultos tem tarefas semelhantes, uma recriação de uma modalidade primitiva de sobrevivência em plena modernidade.

Entre os pobres urbanos a adaptação repetitiva e padronizada favorece meios de sobrevivência; e isso acontece nos lixões. A partilha de recursos escassos e intermitentes sustentam a coexistência desses grupos que individualmente sucumbiriam. Nessa rede de reciprocidades sempre surge algum chefe que se converte em "patrão" e controla os recursos do grupo intermediando-o com a sociedade. Passa então a acontecer a relação de clientelismo. Essa rede não existe só na pobreza. São regras, como sanções sociais de compadrio, que se apoiam em princípios de moral; são mais fortes que contratos escritos ou obrigações legais. Os laços sociais do paternalismo/clientelismo, como forma de sociabilidade no contexto urbano, parece persistir tanto em sociedades que estão se urbanizando, como em sociedades urbano-industrial(Oliven 1985).

Os lixões atualmente conseguem absorver um significativo número de desempregados, atenuando a alta taxa do desemprego e marginalidade nos centros urbanos.

A aparição e o desenvolvimento de estruturas sociais na década de 60 passou a ser pesquisada pela Ecologia Cultural considerando a economia e a lógica das adaptações ao seu meio natural, desde as pequenas sociedades

segmentárias e pouco diferenciadas dos caçadores-coletores do paleolítico, num método que evita a redução das realidades sociais e históricas às abstrações sutis e que, ao contrário, represente o pensamento, estruturas internas e permita descobrir leis de reprodução e não-produção, de trocas e de desaparecimento.

Considerando também que nas cidades há uma nova cultura caracterizada por papéis sociais fragmentados onde há isolamento, anonimato, afrouxamento dos laços de amizade e de família e toda uma competição individual; neste sentido, o aumento de heterogeneidade social e de interações com outras sociedades, leva ao pólo urbano e conseqüentemente à desorganização. Os lixões são uma conseqüência disso, mas não parecem ser um exemplo para a teoria da modernização onde a pobreza seria a ausência de uma cultura urbana (de atitudes modernas) e desse postulado surge a Cultura da Pobreza, de Oscar Lewis, que afirma que a urbanização não ocorre por um processo universal e semelhante; depende de condições históricas, econômicas, sociais e culturais prevaletentes. Essa sub-cultura da pobreza, segundo ele, é a parte mais ampla da cultura do capitalismo e persiste em função da pressão da sociedade inclusiva. Lewis(1961) considera que há uma sub-cultura da sociedade ocidental, com estrutura própria, uma forma de vida que se transmite de geração em geração, através de pautas de conduta familiares. Não é causa de privação e desorganização, é uma cultura no sentido antropológico tradicional, que proporciona aos seres humanos, um esquema de vida com um conjunto de soluções e dados, para resolver problemas humanos e também com função adaptativa. Transcende os limites nacionais e regionais, assim como as diferenças rurais-urbanas das nações. No entanto há muita gente pobre no mundo, porém nem todos vivem na cultura da pobreza, esta é uma adaptação e reação de pobres, frente a sua posição marginal em uma sociedade estratificada

em classes, individualista e capitalista. Representa um esforço para combater os sentimentos de desesperança, que surgem da consciência por parte dos membros das comunidades marginais, da impossibilidade de alcançar êxito em termos de valores e metas predominantes. Considera também que seu baixo nível de organização dá a essa cultura uma qualidade de anormal e marginal, frente a nossa sociedade altamente organizada. Há entre eles sentimentos fatalistas e de desamparo, de dependência e de inferioridade. Falta-lhes uma planificação para o futuro. Há muitas comunidades pobres, que não se caracterizam pela cultura da pobreza. Muitos dos povos primitivos são um exemplo; não podem ser considerados participantes dessa sub-cultura por apresentarem importante grau de organização social assim como, uma cultura integrada. Nos países socialistas existe pobreza, mas não, cultura da pobreza.

Para Lewis, a cultura da pobreza é um estágio pré-capitalista, é endêmica nas sociedades coloniais. Atinge os povos dos estratos mais baixos de uma sociedade em rápida evolução e que já estão parcialmente alienados por ela. Essa sub-cultura desenvolve mecanismos para perpetuá-la. Melhores condições financeiras não a eliminaria; demoraria mais de uma geração para mudar. Essa cultura teria quatro características: (1) Falta de participação na sociedade inclusiva. (2) Moradias precárias e gregarismo. (3) Ausência de infância e famílias centradas na mãe. (4) Forte sentimento de marginalidade e inferioridade.

Janice Perlman(1977), em Mito da Marginalidade, estuda a Cultura da Pobreza deixando claro o quanto essa abordagem favoreceu negativamente a muitos trabalhos de Assistência Social na América Latina, que em nome da ajuda aos pobres apenas acentuam a perpetuação da pobreza através da alimentação de um círculo vicioso, consequência de padrões de comportamento e traços de personalidade, derivados de uma vida de privações, passados de geração para

geração. Coloca o pobre como responsável pela sua pobreza, vítima dessas circunstâncias. Essa visão determinista vê o pobre como mal equipado para aproveitar oportunidades e resistir à opressões. Essas características principais da Cultura da Pobreza não se manifestaram entre os bagulhadores, que demonstraram questionamentos sobre suas vidas e não acomodação.

É importante também considerar para o estudo dos lixões, quando Marshall Sahlins lembra que achava-se, que esses catadores primitivos viviam à margem, em total penúria, sem tempo e condição de fazer cultura e progredir para a civilização e, na realidade, essas sociedades eram as únicas sociedades da abundância, já que as necessidades sociais estavam satisfeitas e os meios de satisfazê-las não eram escassos. Uma Sociedade da Afluência tem essa característica e os caçadores-coletores trabalham menos do que nós; a coleta é intermitente e o descanso e o sono em maior quantidade do que em qualquer outra condição social. Uma primeira contingência desses povos é a necessidade de movimento para manter a produção vantajosa. Em consequência, não mantêm excedentes, não podem acumular cargas. No entanto não passam privações; visto de dentro de seus objetivos, todas as suas necessidades materiais são satisfeitas. Eles têm poucas posses e o poder aquisitivo não foi desenvolvido; não é que não tenham desejos e impulsos materiais, mas simplesmente nunca os instituíram.

Esses grupos tem seu cotidiano alterado em função das estações do ano (secas, menos recursos e chuvas, mais recursos naturais) ou seja : para estudá-los temos que registrar as relações homem-meio; o nível de suas técnicas e a estrutura da organização social de reprodução, principalmente suas formas de "racionalidade econômica". Eles montam uma estratégia para explorar seus recursos, para exportá-los, sempre com o menor custo de trabalho.

O que demonstram, esses grupos, é que cada sistema econômico e social determina um modo específico de exploração dos recursos naturais e em consequência, determina normas específicas de bom e mal uso dos recursos ou seja: uma forma específica e original de racionalidade(intencionalidade) econômica.

Todas as normas de seus comportamentos são racionais no sentido das suas relações econômicas e sociais. Essa referida adaptação seria antes de tudo, a lógica interna da exploração de recursos e as condições de produção do modo de exploração. Os processos de adaptação podem apresentar um caráter contraditório. Há ciclos de adaptação-desadaptação e fases de desadaptação total de um sistema e sua substituição por outro, em um contexto ecológico profundamente transformado. Cada grupo humano que se adapta ecologicamente a um mundo, vive num intercâmbio ecológico econômico, articulado por um centro.

É necessário analisar cuidadosamente o sistema das representações que os indivíduos e os grupos, membros de uma sociedade determinada, formulam de seu meio, pois a partir dessas representações os indivíduos e os grupos atuam sobre ele.

As percepções sociais de um meio são representações sociais também objetivas e exatas das dificuldades de seu funcionamento e dos sistemas tecno-econômicos e de juízo de valor(positivos, negativos e neutros) e crenças fantasmáticas, sua dimensão imaginária.

Partiremos no próximo capítulo, por uma visão etnográfica a utilizar essas referências teóricas sobre uma realidade observada e analisada no lixão de Aguazinha.

CAPÍTULO 4 - Visão Etnográfica do Lixão de Aguazinha

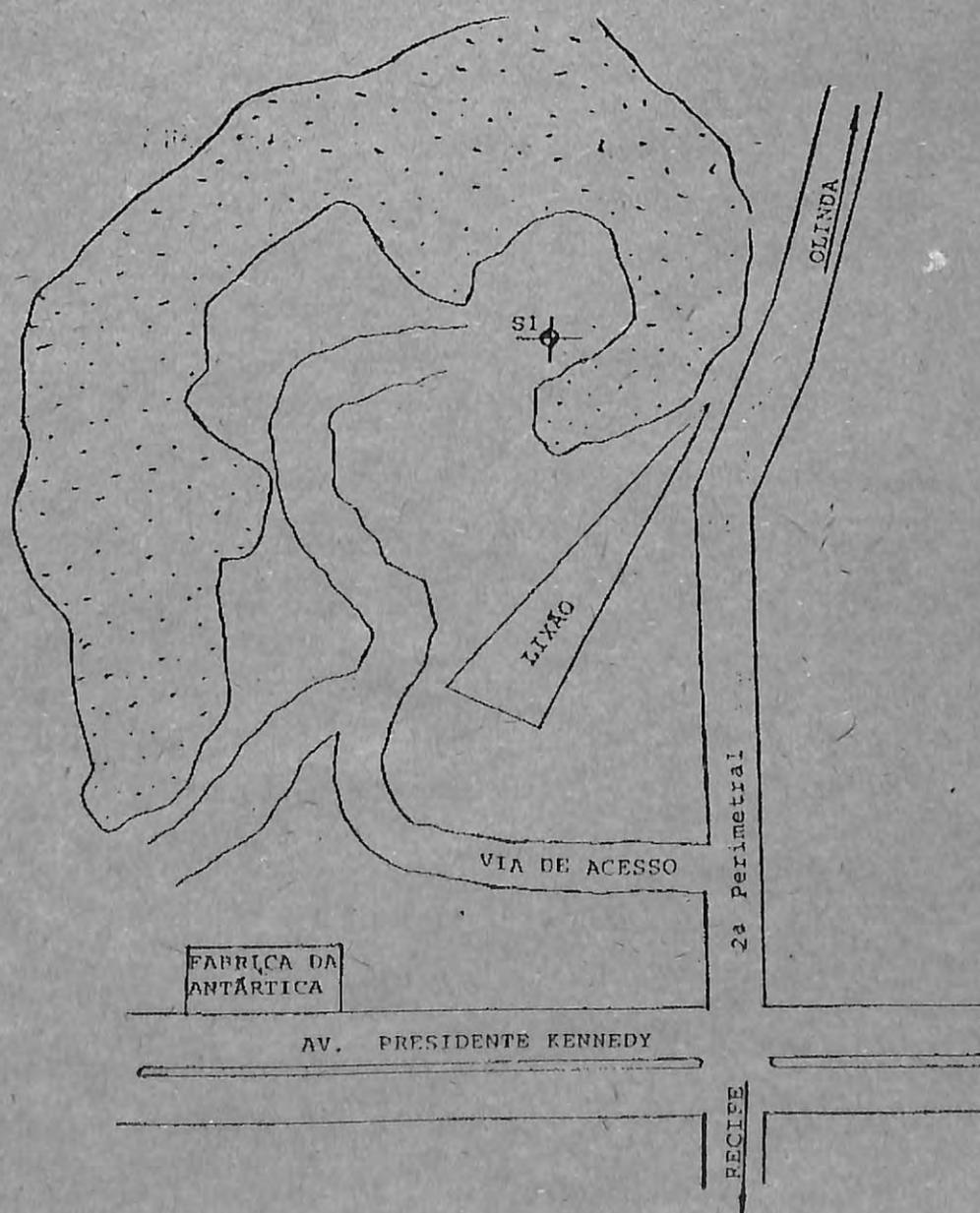
Lixão, um ambiente físico, espaço total composto por espaços específicos articulados entre si, pelo grupo que nele e dele vive. Um ambiente culturalmente significativo e socialmente utilizado. A população que dele faz parte agindo sobre ele é portadora de uma cultura que o percebe e a partir dessa percepção, o utiliza no contexto de relações sociais específicas. Esse ambiente passa a ser construído através de um processo de apreensão cognitiva tanto no plano prático, como no simbólico. Passa a ser um espaço de um significado socialmente atribuído e constituidor de um tempo cíclico (variações recorrentes, repetitivas, reversíveis do ambiente) e de um tempo histórico (alterações irreversíveis no ambiente); ambos tempos ecológicos.

Esse ambiente é um espaço construído por agentes sociais específicos que lhe atribuem significados também específicos, um ecossistema; um fluxo de energia entre agentes das relações sociais e agentes sobre o ambiente. No lixão homens e mulheres, desenvolvem atividades produtivas e dessas atividades realizadas como o lixo, a comunidade ali residente constrói sua identidade de grupo; é um processo ecológico-cultural.

O lixo que vem passando por mudanças e fazendo sua história, introduz novas modalidades de lógica econômica de seu valor de uso e de troca. Um aterro sanitário acumulava um lixo imprestável, quando o reciclar não se usava. Por questões ecológicas, passou-se a reaproveitar o que antes só pertencia aos ratos e urubus. Hoje, o lixo é objeto de coleta; dele reaparece alimento, material de construção, comércio de sucata, matéria prima para fábrica de reciclagem e uma economia paralela de organização informal - fonte de sobrevivência.

Este capítulo traz uma Etnografia Exploratória sobre o lixão de Aguazinha e se desenvolve em dois itens. No primeiro são tratados os **Aspectos Físico-Ambientais**, com base na consulta do Relatório da FIDEM, 1995. Dele foram aqui inseridos três quadros demonstrativos da área do lixão para esclarecimento e ilustração.

Quadro 1: Localização do Lixão de Aguazinha



No segundo item são apresentados os **Aspectos Observacionais**, a partir do Diário de Campo. Foram incluídas quatro fotos para passar uma imagem do local.

4.1- Aspectos Físico-Ambientais

O lixão de Aguazinha fica na Região Metropolitana do Recife-Norte (RMR-Norte) na zona rural e sua posição é periférica com relação à zona urbana de Olinda.

Localiza-se à margem esquerda da IIª Perimetral, sentido Recife-Olinda, distando 0,8 Km do cruzamento com a Av. Presidente Kennedy. Sua área é de 23ha. e sua capacidade para volume de lixo, é de 3.200.000 m³. A direção dos ventos (pluma de poluição), conforme a rosa dos ventos de predominância e ressonância, é na direção Sudeste, onde se encontram apenas alguns sítios e granjas; mas durante três meses no ano, a direção dos ventos é Nordeste, onde se encontram habitações populacionais. Em sua infraestrutura encontram-se habitações espaçadas na área de granjas e sítios com adensamento no limite Norte, onde se situa o reservatório elevado da COMPESA. Ao Sul verifica-se uma área de invasão, com construções em alvenaria. Na área e em seu contorno, há disponibilidade de energia elétrica de alta e baixa tensão e abastecimento d'água. Na área, verificam-se poços de os moradores e catadores escavam para o próprio consumo; vinte famílias residem no local. Sua hidrologia apresenta lençol freático com três metros de profundidade e que está contaminado pelo lixão que existe neste local há 7 anos. Encontra-se próximo à jazidas de fosfato e do topo do aquífero Beberibe. A contaminação desse aquífero é evitada por sua camada de siltito caláfero cinza, com baixa permeabilidade.

A vegetação na área do lixão é totalmente decapada. Nas granjas a Oeste, existe presença de fruteiras, como: cajueiros, coqueiros e mangueiras, alguns sombreiros, bananeiras e carrapateiras.

A fauna existente é de anfíbios: sapo-cururu e rã. Repteis: cobra-cipó, cobra-verde, jararaca, lagartixa-preta, calanguinho, cobra-de-duas-cabeças, víbora. Aves: urubu de cabeça-preta, urubu de cabeça-vermelha, gavião-pegapinto, gavião-peneira, rolinha-cinza, periquito, andorinha, bem-te-vi, sabiá, guriatã, sanhaçu. Mamíferos: timbu, sagüi, gabiru, morcego.

O impacto visual da área, por estar nas margens da IIª Perimetral é evidente e marcante, tanto para a população residente no seu entorno, como para as que trafegam pelas vias de acesso.

Em pleno funcionamento, esse lixão consiste num vazadouro com espalhamento e cobertura parciais do lixo, com trator operando no sentido de cima para baixo, a céu aberto.

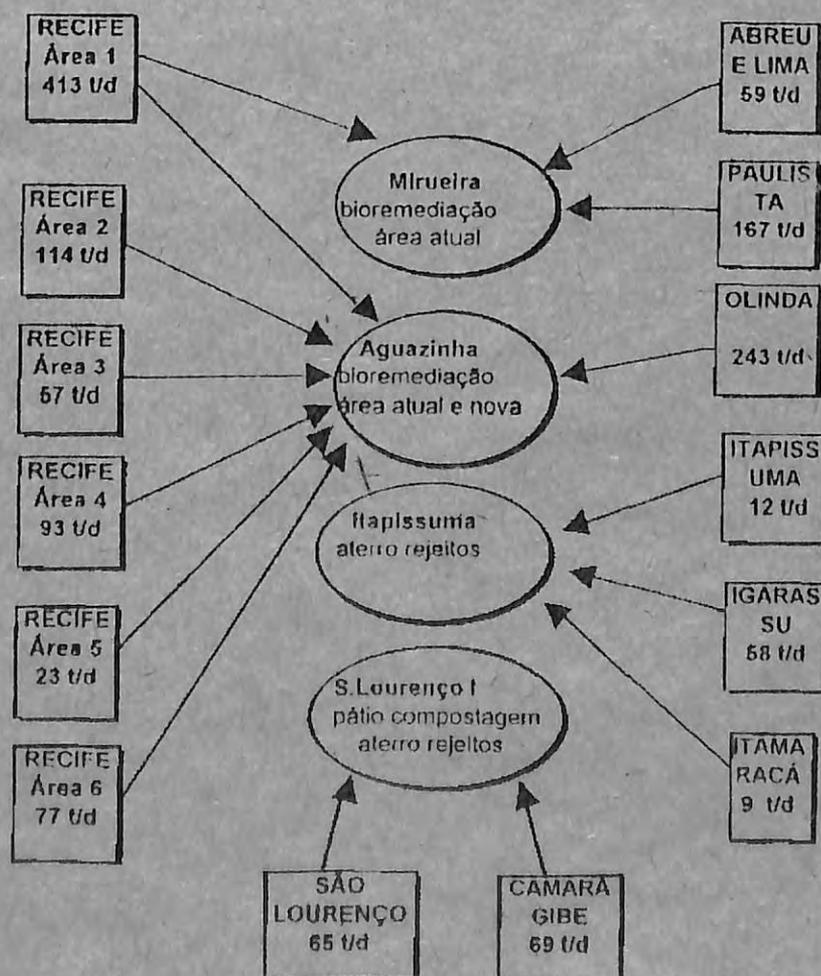
Ver no Quadro 2, a quantidade e distribuição de lixões da RMR-Norte por município.

Quadro 2: Mapa de Localização das Áreas-alvo Para Destino do Lixo na RMR-Norte



A rotação de lixo é a prática de reciclagem de maior escala e impacto na R.M.R. São cerca de 1.000 catadores com carroças nas ruas e vazadouros dos lixões(vide quadro 2), retirando 120 toneladas-dia, 75% das quais, coletadas nas ruas. Existem mais de uma centena de pequenos depósitos intermediários, cerca de 25 apasistas(grandes comerciantes do setor) e mais de 30 indústrias compradoras. Os lixões representam fonte de sobrevivência de centenas de famílias submetidas a condições inaceitáveis de trabalho e remuneração. Observa-se ainda que cada lixão é controlado por um ou mais compradores intermediários das matérias-primas recicladas.

Quadro 3: Diagrama de Fluxos de Resíduos na RMR-Norte

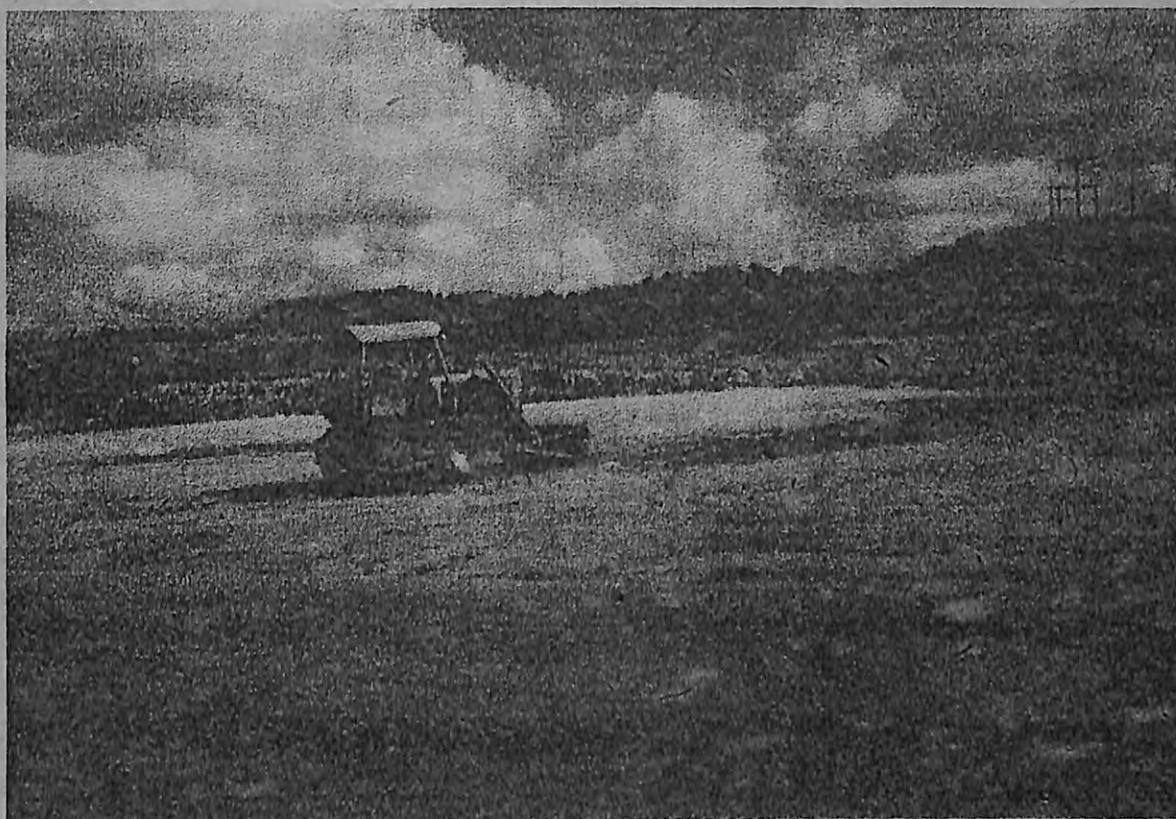


As características do lixo gerado na RMR é de: alta densidade e umidade, baixo poder calorífico, alto teor de matéria orgânica, o que desaconselha a utilização de trituração ou compactação, como também a incineração. O alto teor de matéria orgânica cria a oportunidade de utilização de unidades de transformação biológica ou compostagem.

Dos sete principais lixões da Região Metropolitana, o de Aguazinha recebe por dia 243 toneladas de lixo só de Olinda. Por ser o mais importante da Região Metropolitana do Recife-Norte e Olinda(FIDEM, 1995), vem recebendo grande quantidade de lixo(vide quadro 3); é uma área prioritária para a remediação do lixo, onde serão construídas células de aterro para tratamento biológico com inoculação de bactérias, para o aceleração da transformação da matéria orgânica, que ali é depositada; cada célula tem 200 m², com 30m de altura. Este processo já iniciou no lixão de Muribeca através de projeto de pesquisa de monitoramento, realizada pela UFPE.

Com esse processo de remediação do lixo, pelo Aterro Celular com inoculação, o lixo urbano do Recife e Olinda será melhor aproveitado, como também crescerá em Aguazinha, a capacidade de reciclagem do lixo.

Foto 1: Acesso ao Lixão de Aguazinha



4.2- Aspectos Observacionais

A participação observante nessa comunidade aconteceu em três momentos. Primeiramente, em março/abril de 1995, acompanhei uma pesquisadora⁵ que concluía seu trabalho, sendo por ela apresentada à comunidade. Num segundo momento volto em setembro/outubro de 1995, para gravar as entrevistas. Retorno em março/abril de 1996, para aplicação dos questionários estruturados. A observação tornou-se então longitudinal, ao longo de suas vidas, sem ter sido assim programada. Isso favoreceu acompanhá-los antes do inverno já com chuvas; depois em época de sol quente e no ano seguinte, em início de campanha para prefeitura de Olinda. Pude acompanhar

uma gestação até seu termo; pude sentir a interferência político-religiosa de campanhas e mudanças no ambiente físico do lixão. Pude sentir a mudança de valor de venda de determinados lixos, como a queda do papel e papelão no inverno e a subida do alumínio nos eventos em que as latinhas de cerveja e refrigerante têm consumo elevado. Pude observá-los no início do dia, no sol-a-pique e no fim de tarde.

O grupo, embora arisco, não demorou para aceitar minha presença entre eles. Entrava em suas cabanas, sentava; podia ver o que havia em suas precárias panelas ... o preparo de um café, o banho de uma criança, o apanhar água em uma das cacimbas, ao lado de outra que havia sido fechada por terem caído dentro dela dois guabirus, enquanto brigavam. Dividi espaço em uma cabana para me abrigar de uma forte chuva, com uma mãe e duas crianças, uma delas competindo espaço sobre um velho sofá com um cão; tinha três anos e estava nua.

No inverno, muito atoleiro, ventos e frio. No verão, muito calor, fumaça de combustão espontânea do lixo e muita mosca. Nada de roupa branca, fraldas, no varal durante o dia, "porque atrai moscas e termina toda pintada" (sic) esse tipo de roupa só pode secar à noite.

As plantas ali são viçosas. As casas em improvisado com material do próprio lixo, só têm de um a dois vãos e a cozinha é sempre improvisada do lado de fora. É mais fácil achar as mulheres-bagulheiras em casa ou na vizinhança, pela manhã. Elas preferem bagulhar à noite enquanto os filhos dormem (quando pequenos). Os homens vão para as ruas caçar lixo ou ficam bagulhando o dia

⁵Era Lídice de Araújo do Mestrado de Antropologia que concluía seu levantamento de campo.

todo e tomando pinga, de uma também improvisada barraca, “para ajudar na lida” (sic).

Foto 2: Barraca de Bebidas



Observei no início, que determinadas mulheres faziam questão de cumprimentar-me com aperto de mão, estando estas imundas. Isso me fez além de ter roupa para ir pro lixão, também levar um pequeno frasco de álcool, na minha bolsa do lixão. Cheguei a ser acompanhada até à beira da BR, para apanhar taxi, por moradores-homens, quando saía de lá no fim da tarde. Eles me alertavam do perigo da área e da dificuldade de um táxi parar.

Os bagulhadores procuram ter em mãos seus documentos pessoais, porque são olhados como marginais ou uma espécie de gente desclassificada que amedronta até os taxistas que transitam pela BR evitando apanhar passageiros naquela área, por ser considerada de desova de cadáveres de grupos de extermínio.

Eles se consideram trabalhadores do lixo e realizam uma importante tarefa de selecionar e empilhar: latas, vidros, plásticos, papelão, para serem pesados e vendidos aos atravessadores, que revendem para os armazéns que prensam o material e negociam com as fábricas. Um significativo mercado informal de trabalho, onde já se instalou a competitividade pelo melhor lixo e pelo tipo de lixo que na época estiver com melhor cotação no mercado.

Esse grupo de catadores residente no lixão, constitui um grupo nômade de atividade intinerante. Quando o aterro encerrar suas atividades, deverão seguir para o próximo lixão a ser instalado em outra área (novo aterro). São famílias, algumas com casal e filhos menores, outras com mulher sozinha e filhos menores, outras com filhos maiores e outras famílias com filhos e netos. Não há moradores acima dos 60 anos entre os atuais moradores desse lixão.

Todos catam lixo, mas os homens vão também à caça do lixo nos arredores e quando conseguem uma carroça vão buscar o lixo diretamente na área urbana de Olinda onde procuram a melhor caça: o lixo já selecionado. Mulheres e crianças não têm carroça, só catam o lixo que os caminhões trazem. Existem carradas de lixo que vêm dos supermercados e granjas, daí eles retiram muito alimento ainda comestível, a partir de suas necessidades. O que já não lhes serve, vira lavagem para porcos e esse material é vendido freqüentemente pelas mulheres para os criadores desses animais.

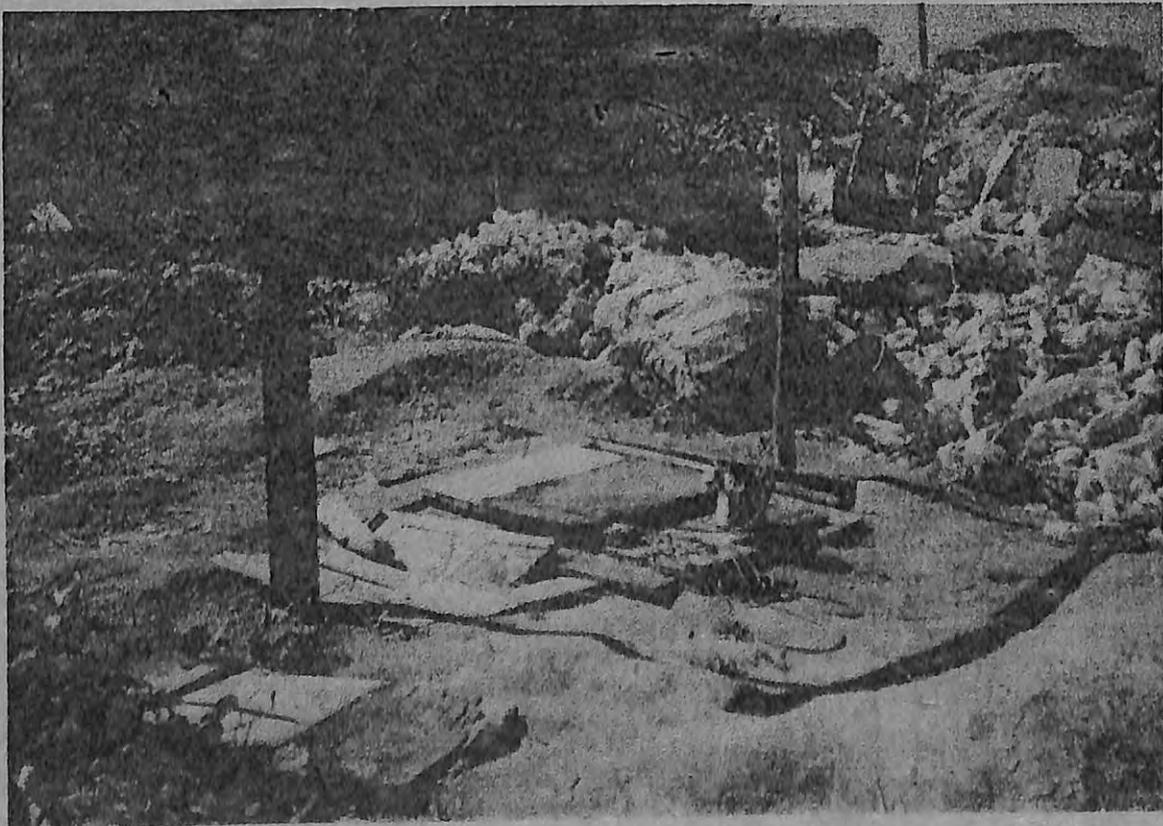
Levam em final do século XX, uma vida que lembra a do paleolítico de caçadores-coletores numa forma adaptativa aparentemente bem sucedida.

Analisando as características dessa sociedade e o cotidiano desses catadores de lixo, vemos que a base da sobrevivência no lixão é o esforço humano. O principal, senão único, instrumento de trabalho dos coletores de lixo é

seu próprio corpo, sua força. Suas necessidades de subsistência são reduzidas ao mínimo. Eles vivem uma espécie de abundância material, pois adaptam seus utensílios e suas próprias necessidades ao que existe em abundância a sua volta, o lixo. Eles não armazenam e nem produzem excedentes, o importante é a mobilidade. A propriedade ou a riqueza, enquanto bens para eles, também parece uma carga que tem que ser suportavelmente carregada; parece que como verdadeiros nômades, eles precisam ser pobres (no sentido de não acumulação de bens). Nesse sentido seriam pobres, por não possuírem nada e por essa razão livres de muitas preocupações diárias, o que os permitiria usufruir diferente a vida.

Com relação à saúde, problemas de pele são constantes e eles procuram ajuda em um posto de saúde de Peixinhos (bairro mais próximo).

Foto 3: Uma das Cacimbas da Comunidade



Essa cacimba e mais duas equivalentes foram fechadas pela defesa sanitária. A água é para eles o principal problema do local.

De todas as cabanas do lixão, a de D. Iracy é a mais organizada. Ela é das mais antigas, encontra-se no local há seis anos. Era doméstica desempregada quando veio pro lixão e anteriormente vivia na zona rural; atualmente tem 55 anos. Vive sozinha e sua única filha de 16 anos mora num casebre fora dali, comprado por ela(sua mãe). Quando chegou ao lixão era na época em que só três caminhões por dia traziam lixo. Refere que já houve mortes ali por conta da cachaça e da maconha, dos catadores que vêm só passar o dia, e entre eles marginais para se esconderem. Tem vergonha de morar ali e pensa quando ficar velha, em ir para um asilo.

Sua cabana tem dois pequenos vãos, uma sala, um quarto e uma cobertura externa para dois fogões de lata. Ambiente limpo. O piso é de chão batido coberto por carpetes velhos, que aderiram ao chão. Mesa, dois bancos, filtro e caneca junto. Um armário de caixote. Baldes com água e cobertos com tampas. Um vidro de licor de cacau e outro de mel, no armário. Ela sempre tem um cafezinho, que adora. Sua cama forrada no outro vão e uma mala velha. Na entrada, um tapete (pedaço de carpete) e seu par de sapatos velhos de bagulhar. Ao lado da casa (no pé da parede), planta manjeriço, capim santo, hortelã graúda e um pé de maracujá ramando sobre o telhado, já em flora. As ervas medicinais e sua organização sinalizam seu cuidado com a saúde.

Em 1996 o lixão sofreu mudanças ambientais a partir do projeto da FIDEM e prefeitura de Olinda, sendo toda sua extensão junto à BR cercada de arame farpado, com uma porteira para entrada e saída dos caminhões de lixo. Todas as cabanas foram alinhadas à direita e em frente a cada uma ficou delimitado um espaço para acúmulo do lixo selecionado em pilhas, pra ser pesado e vendido por

cada bagulheiro. Iniciaram também nessa época a construção das duas primeiras células a céu aberto. O início da concretização desse projeto de melhorias se deu após a polêmica levantada pela reportagem a nível nacional, denunciando a comunidade de comer carne humana do lixo hospitalar, conforme refere Araújo(1997) em sua dissertação.

Na comunidade há três "deposeiros" (sic) líderes entre eles que compram lixo dos bagulheiros e revendem para os armazéns; dois deles são ex-bagulhadores. Eles acumulam esse lixo em um local ou depósito no lixão, onde há balanças de pesagem do lixo grande e dos pequenos (mais leves). O mais antigo é Sr. Júlio que só passa o dia no lixão, "é o pai de todos"; aquele que empresta dinheiro, que socorre na necessidade. Depois Sr. Adauto e o mais recente, o Sr. Almir, que é o novo líder da comunidade e como o anterior, mora no lixão. Há três anos está na comunidade e já conseguiu colocar um bico de luz em quatorze casebres, dos atuais vinte casebres da área. Segundo ele são atualmente 85 bagulheiros dia e as vezes chega a 100, depende dos que vem de fora para catar. Os caminhões dos armazéns vêm comprar o lixo dos depositeiros e assim funciona a circulação do dinheiro entre os bagulhadores, depositeiros e armazéns de reciclagem. Os depositeiros conquistam seus bagulhadores com barganhas para manter sua clientela : investimentos na área, empréstimos, preços competitivos. Uma rede de clientelismo entre os patrões e os bagulheiros.

Durante a fase das entrevistas gravadas e questionários, a colaboração foi significativa. Havia o prazer de ouvirem depois os seus depoimentos, junto aos companheiros nesse momento. Aproveitavam sempre para deixar seus "recados sócio-políticos" gravados, como: "a única coisa que eu quero dizer é que o governo, ele tem que nos apoiar, nos ajudar, porque a gente precisa, a gente somos seres humanos. Todo mundo vai olhar pra gente e vai dizer, aqueles são

bagulheiro, mas são ser humano. Não somo nenhum animal" ... (D. Silvia, 35 anos). "A coisa que eu tenho pra dizer é que nunca ninguém tenha medo da gente, que a gente aqui recebe muito bem". (D. Iara, 35 anos).

"Eu tô aqui esse tempo todinho, tô me sentindo feliz e ainda espero que a gente tenha ajuda mais de alguma igreja ou de alguma campanha que venha, é o que a gente espera, né?". (D. Iracy, 55 anos).

"Meu recado é que todos olhem prá gente aqui, dê mais segurança e vê se ajeita essa água e essa luz aqui prá gente, porque o resto depende da gente ". (D. Tereza, 45 anos).

Foto 4: Casebre de Famílias Residentes



“Eu só queria que o povo lá de fora olhasse aqui a situação do pessoal, não deixasse ninguém aqui nessa lixaria. Tem muito projeto só no papel, de água e de energia, mas fica só nas mãos deles”. (Sr. Almír, 40 anos).

CAPÍTULO 5 – Apresentação do Método e Análise dos Resultados

O estudo etnográfico dessa comunidade, apontou para as condições físico-ambientais de vida em meio à circunstâncias de grande insalubridade, despertando a necessidade de se conferir que forma adaptativa os bagulheiros utilizam para sua sobrevivência em meio tão inóspito.

Fazendo uso do método qualitativo associado ao quantitativo, buscamos também compreender nessa condição de vida, como a comunidade de bagulheiros explica sua pobreza, como se sente em termos de qualidade de vida e se experimentam algum bem-estar e satisfação com a vida. Neste sentido apresentaremos todos os procedimentos desenvolvidos junto a essa comunidade e sobre todos os dados subjetivos e objetivos coletados.

5.1 – Método

5.1.1- Amostra

Em cada família sempre um informante contribuiu para a pesquisa, ou pela entrevista e questionário ou só pelo questionário (em duas famílias, pai e filho e marido e mulher contribuíram como informantes). Foram vinte e dois informantes, homens e mulheres, maiores de 18 anos; todos bagulheiros, moradores do lixão. Na Tabela 1 estão discriminados dados mais específicos sobre essa amostra. Eram vinte as famílias residentes; trinta e dois contatos foram realizados (10 entrevistas e 22 questionários).

TABELA 1 - Descrição da Amostra.

CARACTERÍSTICAS DOS INFORMANTES

Março / Abril de 1996.

15 mulheres (M): 68,2 %.

07 homens (H): 31,8 %.

Profissão: todos catadores de lixo.

Faixa-etária: 18 a 58 anos. Média = 35 anos (H=37 a. M=34 a.)

Tempo-moradia: 3 a 8 anos. Média = 4 a./ meio (H=6 a. M=4 a.)

Renda mensal (só lixo): mínima = R\$ 30,00 / máxima = R\$ 120,00.

Média=R\$ 57,00 mensais. (H=72,00 M=50,00)

Composição familiar:

09 famílias: monoparentais (mães e filhos).

10 famílias, casal e filhos.

01 homem sozinho.

Proles: de 1 a 7 filhos.

A predominância de mulheres na amostra se deve ao fato de ser 50% das famílias monoparentais e o restante, embora de famílias com casal, durante o dia os maridos sempre estavam nas pilhas de lixo ou à caça do lixo pelas ruas da cidade, horário em que aconteciam as entrevistas.

Todos se dizem catadores de lixo enquanto profissão; apenas em uma família o marido tem emprego fora, é vigilante e completa a renda com o lixo, todos têm experiências anteriores em diferentes profissões, como: pedreiro, servente, doméstica e outras. Para as mulheres catar lixo é seu emprego e quando não trabalham no período diurno por conta dos filhos, bagulham à noite, quando alguns homens também preferem fazê-lo.

Logo que podem (em torno dos 10 anos) os filhos acompanham os pais na separação dos materiais. O número médio de filhos por família equivale a 3,5, o que é um controle de natalidade interessante, enquanto pobres.

Não há idosos morando no lixão, embora alguns se refiram aos seus genitores vivendo na zona rural ou com parentes fora do lixão. Há moradores que residem desde o início desse lixão (em torno de oito anos). A renda que conseguem por mês, em média R\$ 57,00(cinqüenta e sete reais) varia em função do preço tabelado por categoria: papelão, papel, plástico, vidro, alumínio e outros. Na realidade não falta dinheiro, "pode ser pouco mais aparece" (sic).

5.1.2- Procedimento

Nos dois meses iniciais de registro etnográfico, durante a participação observante(meses: março e abril/95), os contatos eram pouco espontâneos e rápidos. Predominou a observação da rotina no lixão, a vida cotidiana levada pela comunidade em estudo. Das observações em campo e consulta à literatura, delineou-se o roteiro para as entrevistas, considerando os objetivos desse trabalho, citados na introdução. (Anexo 1).

Nos dois meses seguintes, durante a realização das entrevistas (gravadas), já havia mais confiança e contribuição, até detalhada (meses: setembro e outubro/95). Os contatos eram interrompidos e retomados, algumas vezes, quando outro membro da comunidade queria participar ao mesmo tempo da conversa, interferindo nas entrevistas, que deveriam ser individuais. Os informantes aguardavam escutar, no final, seus depoimentos. Essa era uma forma de retorno, em se disporem a contribuir com a pesquisa; uma forma de motivação para sua participação. Era um momento de troca entre eles, pois sempre havia mais de um por perto para ouvir a gravação. Na maioria dos casos, por ser longa a entrevista, apenas eram repassados alguns trechos. Essas entrevistas buscavam registrar suas crenças, suas motivações, expectativas e explicações causais de seu estado de pobreza e miséria. Uma forma sensível de entrar em contato com aspectos qualitativos, conseguindo descrições mais

detalhadas sobre a forma de vida dos informantes; foram realizadas em metade das famílias residentes.

Já no terceiro momento (meses: março e abril/96) da aplicação dos questionários estruturados, as questões eram objetivamente direcionadas a cada um, em média durante quarenta minutos de aplicação.

Instrumentos estruturados conferem fidedignidade e completam as entrevistas iniciais, garantindo naturalidade e legitimidade ao instrumento; facilita sua aplicação e apuração.

Os instrumentos utilizados em cada aplicação foram:

- 1- Ficha de Identificação.
- 2- Escala de Bem-estar Subjetivo (Liang, 1985).
- 3- Fatores de qualidade de vida (Bosio, 1991).
- 4- Listagem de medos (Roazzi, Wilson, Federicci, 1995).
- 5- Explicações causais de pobreza (Tamayo, 1994).

Sobre todos os dados coletados, foram utilizados dois tipos de análises: Qualitativa, pela Análise Temática das informações das Entrevistas; Quantitativa, pela Análise, Não-paramétrica e Multidimensional, dos dados dos Questionários Estruturados.

5.1.3- Entrevistas

A Análise de Temática das Entrevistas é derivada das metodologias quantitativas, vindo desde os cálculos básicos de estatística em percentuais e frequências, até estruturas traduzíveis em modelos e em uma hermenêutica, baseada na dedução, a inferência (Minayo, 1994). Oscila entre o rigor da suposta objetividade dos números e a fecundidade da subjetividade.

Dentre as técnicas de Análise de Conteúdo, a “Análise Temática” foi a que conduziu as interpretações sobre o material das entrevistas. Em torno do tema, “Satisfação com a vida em contexto de insalubridade”, foram buscados os valores de referência e os modelos de comportamento presentes em seus relatos.

Dessa Análise Temática sobre o conteúdo das entrevistas, detectou-se três temas ou áreas predominantes (1) Atribuição de Causalidade à Pobreza, (2) Forma Adaptativa de Vida e (3) Satisfação com a Vida. Para cada Área Temática foi associado um instrumento ou Questionário Estruturado

5.1.4- Questionários Estruturados

Um dos construtos que tem suscitado o interesse de investigadores, é o bem-estar subjetivo: a maneira positiva ou negativa como as pessoas experienciam a vida. Este bem-estar se relaciona com felicidade e satisfação com a vida; felicidade, conceitualizada como a razão entre afetividade positiva e afetividade negativa, experimentada em um dado momento presente. A satisfação com a vida, referindo-se ao grau de contentamento com a maneira como tem decorrido a própria vida. Trata-se de um juízo subjetivo sobre a qualidade de vida, baseado num padrão estabelecido pela própria pessoa e também se refere a aspectos positivos da vida e não apenas à ausência de fatores negativos (Simões, 1992).

Qualidade de vida, bem-estar subjetivo, satisfação com a vida, são construtos multidimensionais, formados por elementos econômicos, sociodemográficos, disposicionais e situacionais e fatores psicossociais e culturais. Demonstrativo do interesse sobre esses construtos, é o aparecimento de várias escalas destinadas a medir a satisfação com a vida.

Não há condição de um instrumento absoluto para buscar a categorização dessa satisfação com a vida. Questões simples com níveis de satisfação-insatisfação com a vida, de Diner(1985) e Neto(1990) e questões sobre felicidade de Fordyce(1977, 1983, 1988); Gurim, Veroff e Feld(1960) constituem um conteúdo válido para analisar ponderações à vida.

Estudos como os de Cantril(1965), Bauer(1966), Duncan(1969), Sheldon e Land(1972), Abrams(1973), Allardt(1973), Andrews e Withey(1976), Campbell(1976), Campbell, Converse e Rodgers(1976), Rattner(1977, 1979), Diener(1984), Glatzer e Molhi(1987), Stassen e Staats(1988), Vermunt, Spaans e Zorge(1989), entre outros, têm oferecido considerações substantivas sobre a importância relativa dos indicadores sociais de qualidade de vida e/ou da importância singular dos indicadores psicológicos de qualidade de vida e bem-estar subjetivo.

No Brasil, Engelmann(1986-1987) desenvolveu uma Lista para Avaliação de Estados de Ânimo Presentes(LEP), estudando estados subjetivos de qualidade de vida.

A seguir descreve-se cada Questionário Estruturado utilizado neste estudo.

A - Escala do Bem-estar Subjetivo

Um dos instrumentos potencialmente mais úteis e psicometricamente mais válidos desse gênero, é a Escala de Satisfação com a Vida(Satisfaction With Life Scale, SWLS) elaborada por Diener e colaboradores(1985), a partir de um conjunto de 48 itens, reduzida posteriormente para cinco, evidenciando índices de fidelidade e validade perfeitamente aceitáveis. A SWLS foi validada pela primeira vez em Portugal por Neto(1990). Simões(1992), a partir do trabalho de Neto, alterou a primeira versão portuguesa, nos seguintes aspectos : a tradução foi

retocada para tornar o conteúdo mais compreensível por populações de nível cultural inferior, já que fez sua aplicação a um grupo de professores da Universidade de Coimbra e a um grupo de adultos de classe média e superior, com diferentes níveis culturais e profissionais. Também reduziu para cinco as alternativas de respostas: concordo muito; concordo pouco; indiferente; discordo muito; discordo pouco. Desta forma, o instrumento atingiu validação para outras populações de diferentes idades e níveis culturais.

Nos Estados Unidos, Liang(1985) e Laurence e Liang(1988), desenvolveram a Escala do Bem-Estar Subjetivo(BES), que compreende subdimensões de: satisfação com a vida, felicidade, afeto positivo e afeto negativo. Um só instrumento, quatro subdimensões essenciais para abordar a questão da qualidade de vida de forma multidimensional, como deve ser. As alternativas de respostas permaneceram as mesmas citadas anteriormente.

Nesta pesquisa a escala BES, pela primeira vez, entre tantos estudos anteriores, foi empregada numa visão antropológica para a compreensão da qualidade de vida de uma comunidade residente em um lixão. Esta escala foi instrumento utilizado para a Área Temática (3) Satisfação com a Vida.

Os itens desta escala estão descritos na Tabela 2.

TABELA 2 - Escala do Bem-estar Subjetivo.

BES - Escala do Bem-Estar Subjetivo	
Itens de Satisfação com a Vida :	
1.	Quando olho para a minha vida, eu me sinto muito satisfeito (a)
2.	Tenho conseguido tudo o que esperava da vida
3.	Tenho aproveitado ao máximo as oportunidades da vida
4.	Não mudaria meu passado mesmo se eu pudesse
Itens de felicidade :	
1.	Tenho cada vez menos razões para viver
2.	Minha vida poderia ser mais feliz
3.	Sou tão feliz agora como quando era mais jovem
4.	Esta é a fase mais triste da minha vida
5.	Esses são os melhores anos da minha vida
Itens de afeto positivo :	
1.	Sinto-me de bem com a vida
2.	Sinto-me animado (a)
3.	Sinto-me contente
4.	Sinto-me no auge da vida
Itens de afeto negativo :	
1.	Sinto-me impaciente
2.	Sinto-me triste
3.	Sinto-me solitário (a)
4.	Sinto-me inútil

B - Fatores de Qualidade de Vida

Campbell, Converse e Rodgers(1976), realizaram amplo levantamento sobre qualidade de vida norte-americana, utilizando três medidas de bem-estar subjetivo: (1) nível de satisfação com a vida em geral; (2) nível da qualidade afetiva de vida; (3) índice de estresse subjetivamente percebido.

Bosio(1991), desenvolveu o mesmo trabalho que Campbell sobre qualidade de vida, realizando uma análise psicossocial da cultura da saúde na Itália.. A partir da análise desses estudos foram encontrados três fatores - "determinantes pessoais"(si mesmo), "condições financeiras" e "ambiente". Observou-se que o item saúde estava relacionado com o primeiro destes três fatores, isto é "determinantes pessoais" (si mesmo). Este instrumento também foi

utilizado com esse grupo do lixão. As alternativas para respostas aos itens foram: muito satisfatório; pouco satisfatório e insatisfatório.

Os itens que compõem cada um dos fatores encontram-se na Tabela 3.

TABELA 3 - Fatores de qualidade de vida.

Em que medida voê está satisfeito (a) com :
Itens sobre "si mesmo"
1. Você mesmo
2. Sua saúde
3. A vida em geral
Itens sobre "condições financeiras/cultura"
4. Sua instrução
5. Sua renda familiar
Itens sobre "ambiente"
6. Seu trabalho
7. Sua família
8. Seu local de moradia

C - Listagem de Medos

Considerando a forma adaptativa de vida dessa comunidade e buscando identificar o nível de estresse desse grupo, frente aos riscos objetivos e subjetivos da vida (na insalubridade), uma Listagem de Medos, a partir de um estudo sobre a Representação do Medo de Roazzi, Wilson, Federicci (1995), foi também utilizada para esse grupo. Alguns medos da listagem original foram substituídos por medos mais freqüentes entre eles, detectados nas entrevistas. A relação dos medos é em número de vinte e dois e as alternativas de respostas: sim; não e indiferente. O nível de estresse do grupo indica como essa comunidade articula suas defesas no cotidiano.

A listagem utilizada neste trabalho encontra-se na Tabela 4.

TABELA 4 - Listagem de Medos.

Listagem de Medos
1. Cobra
2. Rato
3. Micróbio
4. Escuro
5. Chuva
6. Morte
7. Doença
8. AIDS
9. Dor
10. Sangue
11. Médico
12. Acidente de trabalho
13. Solidão
14. Velhice
15. Fome
16. Polícia
17. Miséria
18. Separação
19. Ter raiva
20. Desemprego
21. Ladrão
22. Violência

Esses dois instrumentos apresentados, Fatores de Qualidade de Vida e Listagem de Medos, foram utilizados para a Área Temática(2) Forma Adaptativa de Vida.

D - Explicações Causais de Pobreza

Para as atribuições de causalidade à pobreza, Siqueira(1984), em sua tese de mestrado, chegou à elaboração de um instrumento para avaliar a forma como favelados atribuem explicações para sua pobreza. A partir da análise do material coletado foram encontrados quatro fatores de causalidade para a pobreza: "Deus/destino", "Responsabilidade própria", "Autoridade/governo", "Sorte". Depois esse mesmo instrumento foi utilizado(com algumas adaptações), por Tamayo(1994), para avaliar as mesmas atribuições quanto à pobreza em geral. Agora esse mesmo instrumento em forma reduzida foi usado para avaliar a

comunidade do lixão. Foram utilizados três itens por cada fator da Escala de Tamayo. As alternativas de respostas foram cinco: concordo muito; concordo pouco; indiferente; discordo muito e discordo pouco.

Os itens que compõem esse instrumento encontram-se na Tabela 5.

TABELA 5 - Explicações Causais da Pobreza.

Explicações Causais de Pobreza
Itens sobre "Deus/destino"
1. É vontade de Deus
2. Nascermos para seguir esse caminho
3. É assim que está escrito
Itens sobre "responsabilidade própria"
4. Trabalhamos pouco
5. Não pensamos no futuro
6. Não temos ambição
Itens sobre "autoridade/governo"
7. Os salários são muitos baixos
8. O governo não distribui as terras
9. Os ricos não ajudam quem precisa
Itens sobre "sorte"
10. É questão de sorte na vida
11. Deu azar na vida
12. Foi má sorte

Esse foi o instrumento utilizado para a Área Temática(1) Atribuição de Causalidade à Pobreza.

5.2- Resultados e Discussão

Todo o material coletado através das Entrevistas e Questionários Estruturados, recebeu um tratamento qualitativo e quantitativo. Qualitativamente, através da Análise de Temática das Entrevistas. Quantitativamente, através da Análise Estatística Não-paramétrica e Multidimensional, para os Questionários Estruturados e foram analisados sob três variáveis: sexo, idade e tempo de

moradia da comunidade e estão citados nas tabelas de número seis a treze. Todas essas tabelas apresentam: Médias; Desvios-Padrão e Valores Z do Teste Estatístico Mann-Whitney.

A distribuição, de todos os resultados, se encontra nas três Áreas Temáticas já citadas: (1) Atribuição de Causalidade à Pobreza; (2) Forma Adaptativa de Vida; (3) Satisfação com a Vida, onde os dados qualitativos e quantitativos se justapõem, facilitando uma análise tanto dinâmica quanto estruturada de todo o material revelado pela comunidade.

5.2.1- Atribuição de Causalidade à Pobreza

Nesta primeira Área Temática estão reunidos todos os dados como essa comunidade vê sua pobreza. Os dados estatísticos estão distribuídos por variável (sexo, idade e tempo-moradia), em três tabelas (Tabelas 6, 7 e 8). Na primeira se encontram os julgamentos das explicações de pobreza da amostra toda; são apresentados também os julgamentos em função da variável sexo.

Tabela 6. Explicações Causais de Pobreza: médias, desvios-padrão e valores de Z, em função da variável sexo.

ITENS / FATORES		SEXO				Total		H vs M
		Homem (n=7)		Mulher (n=15)		Média.	D.P.	Z
ITENS		Média.	D.P.	Média.	D.P.	Média.	D.P.	Z
01	É vontade de Deus	3.85	1.34	3.93	1.43	3.90	1.37	.393
02	Nascemos para seguir esse caminho	4.00	1.41	3.86	1.55	3.90	1.47	.080
03	É assim que está escrito	4.14	1.46	4.20	1.37	4.18	1.36	.091
04	Trabalhamos pouco	2.71	1.25	3.86	1.40	3.50	1.43	1.77
05	Não pensamos no futuro	2.71	1.25	2.73	1.28	2.72	1.24	.000
06	Não temos ambição	3.14	1.46	3.20	1.52	3.18	1.46	.038
07	Os salários são muito baixos	4.57	1.13	4.73	1.03	4.68	1.04	.494
08	O governo não distribui terras	4.57	1.13	4.40	1.29	4.45	1.22	.314
09	Os ricos não ajudam quem precisa	4.57	1.13	4.26	1.38	4.36	1.29	.625
10	É questão de sorte na vida	4.57	.78	3.93	1.58	4.13	1.39	.642
11	Deu azar na vida	2.28	.75	2.53	1.12	2.45	1.01	.419
12	Foi má sorte	3.14	1.46	3.86	1.40	3.63	1.43	1.12
FATORES (e números dos itens)								
01	Deus-destino (01, 02, 03)	12.00	4.1	12.00	3.6	12.00	3.70	.109
02	Responsabil. própria (04, 05, 06)	8.57	3.6	9.80	2.9	9.40	3.15	.759
03	Governo (07, 08, 09)	13.71	3.4	13.40	3.3	13.50	3.27	.528
04	Sorte (10, 11, 12)	10.00	1.8	10.33	2.2	10.22	2.56	.072

Nota: a = $p < .05$; b = $p < .01$; c = $p < .001$

Considerando o total da amostra, vemos que o julgamento que fazem de sua pobreza responsabiliza o "Governo", conforme demonstra a maior média (13,50) apresentada. A "Responsabilidade própria" frente à pobreza aparece com a menor média (9,40). Os bagulheiros não se sentem responsáveis pela vida que

levam. Além do "Governo" atribuem também a "Deus e ao Destino" e por último à "Sorte", o fato de viverem nessa pobreza.

Na maioria das conversas eles explicam sua chegada ao lixão sempre por desemprego, como por exemplo relata D. Silvia: *"Meu marido ficou desempregado, ai ficamo na casa de uns tios que catavam no lixão da Mirueira. Meu marido aprendeu a catar e inventou de conhecer esse lixão daqui, ai me perguntou se eu queria ir morar no lixo e eu disse bora, agente vai fazer o que? E até hoje a gente continua dentro do lixão"*.

Considerando as médias pela variável sexo, não há estatisticamente diferença significativa entre os julgamentos dos homens e das mulheres. Ambos atribuem primeiro ao "Governo", depois a "Deus-destino" e depois à "Sorte", a explicação para sua pobreza e por último, consideram sua "Própria responsabilidade". Uma boa parte deles agradece a Deus por estar ali. Sr. Almir, diz: *"Tô na situação do lixo aqui e ainda dô graças a Deus de ter o lixão de Aguazinha prá gente sobreviver. Eu tenho onde arrumar pão pra meus filhos comer, o que é mais ou menos"*. Sr. Paulo concorda quando fala: *"Necessidade eu não vivo passando, eu olho pra dentro de casa e dou graças a Deus. De tudo tem, quando não tem aparece. Fome aqui ninguém passa"*.

Considerando os itens do fator "Governo", o de maior média é o que se refere aos baixos salários. Nas entrevistas são freqüentes esses comentários, como na declaração de Sr. Manoel: *"Tá numa empresa lá fora pra ganhar uma ninharia, um dinheiro que não dá pra pagar aluguel nem nada, é melhor viver aqui dentro. Aqui tô comendo, tenho meu trocado no final de semana pra trazer carne pra casa e ai vou levando"*.

Outro item de média elevada é o que se refere à "Trabalhamos pouco" (item 04), do fator "Responsabilidade própria", onde as mulheres(média maior que

a dos homens), reconhecem que: "Emprego fora ou em casa de família tá difícil, porque eu tenho filho e ninguém quer aceitar a gente com filho, mas aqui no lixão ainda é melhor; eu vou bagulhar de noite", ressalta D. Tereza.

É interessante observar como os julgamentos dos bagulheiros sobre sua pobreza sofrem alteração conforme duas faixas etárias: a dos mais jovens (<37 anos) e a dos mais velhos (>37 anos), consideradas na Tabela 7.

Tabela 7. Explicações Causais de Pobreza: médias, desvios-padrão e valores de Z em função da variável Idade (categorizada).

ITENS / FATORES		FAIXA ETÁRIA				<37 vs >37 Z
		<37 (n=12)		>37 (N=10)		
ITENS		Média.	D.P.	Média.	D.P.	
01	É vontade de Deus	3.41	1.50	4.50	.97	1.653
02	Nascemos para seguir esse caminho	3.58	1.62	4.30	1.25	1.086
03	É assim que está escrito	3.75	1.54	4.70	.94	1.622
04	Trabalhamos pouco	3.83	1.40	3.10	1.44	1.153
05	Não pensamos no futuro	2.83	1.26	2.60	1.26	.506
06	Não temos ambição	3.25	1.35	3.10	1.66	.215
07	Os salários são muito baixos	4.75	.86	4.60	1.26	.198
08	O governo não distribui terras	4.33	1.23	4.60	1.26	.735
09	Os ricos não ajudam quem precisa	4.16	1.33	4.60	1.26	1.079
10	É questão de sorte na vida	4.16	1.33	4.10	1.52	.040
11	Deu azar na vida	2.83	1.26	2.00	.00	1.962 ^a
12	Foi má sorte	4.00	1.27	3.20	1.54	1.081
FATORES (e números dos itens)						
01	Deus-destino (01, 02, 03)	10.75	4.00	13.50	2.79	1.677
02	Resp. própria (04, 05, 06)	9.91	2.50	8.80	3.85	.913
03	Governo (07, 08, 09)	13.25	2.92	13.80	3.79	1.077
04	Sorte (10, 11, 12)	11.00	2.92	9.30	1.76	1.317

Nota: a = $p < .05$ b = $p < .01$ c = $p < .001$

O grupo de bagulheiros mais jovens responsabiliza o "Governo" como determinante de sua pobreza, questiona os salários baixos. Entre este grupo é estatisticamente significativa a diferença do fator "Sorte" em relação aos mais velhos, como explicação para sua pobreza ($p < .05$). "Deus-destino" vem em seguida como outra explicação.

O grupo dos mais velhos atribui também ao "Governo", a explicação para sua pobreza, seguida por "Deus-destino" como segundo fator determinante. Para eles a "Sorte" tem bem menos influência.

Os mais jovens ainda contam com a "Sorte" na vida; os mais velhos se voltam para a determinação divina e do destino, quando enfatizam os itens (03) "É assim que está escrito" e (01) "É vontade de Deus".

O tempo de moradia no lixão é outra variável considerada na análise das explicações de pobreza dessa comunidade.

Tabela 8. Explicações Causais de Pobreza: médias, desvios-padrão e valores de Z em função da variável tempo de moradia (categorizada).

ITENS / FATORES		TEMPO-MORADIA				3-4 vs 5-8 Z
		3-4 anos (n=11)		5-8 anos(n=11)		
ITENS		Média.	D.P.	Média.	D.P.	Z
01	É vontade de Deus	3.63	1.56	4.18	1.16	.549
02	Nascemos para seguir esse caminho	3.72	1.61	4.09	1.37	.559
03	É assim que está escrito	3.90	1.51	4.45	1.21	.935
04	Trabalhamos pouco	4.27	1.19	2.72	1.27	2.48 ^b
05	Não pensamos no futuro	3.18	1.40	2.27	.90	1.76
06	Não temos ambição	3.45	1.44	2.90	1.51	.894
07	Os salários são muito baixos	5.00	.00	4.36	1.43	1.45
08	O governo não distribui terras	4.54	1.03	4.36	1.43	.146
09	Os ricos não ajudam quem precisa	4.63	.92	4.09	1.57	.672
10	É questão de sorte na vida	4.27	1.27	4.00	1.54	.518
11	Deu azar na vida	2.90	1.30	2.00	.00	2.15 ^a
12	Foi má sorte	4.27	1.19	3.00	1.41	2.01 ^a
FATORES (e números dos itens)						
01	Deus-destino (01, 02, 03)	11.27	3.97	12.72	3.43	.647
02	Resp. própria (04, 05, 06)	10.90	2.98	7.90	2.66	2.121 ^a
03	Governo (07, 08, 09)	14.18	1.83	12.81	4.26	.581
04	Sorte (10, 11, 12)	11.45	2.73	9.00	1.73	2.421 ^b

Nota: a = $p < .05$; b = $p < .01$; c = $p < .001$

O grupo de moradores até 3-4 anos no lixão, é o que apresenta a maior média (14,18) de julgamento sobre o "Governo", como explicação de sua pobreza. Foi a partir dessa variável, que se apresentaram as diferenças estatísticas mais significativas.

Os moradores mais antigos, 5-8 anos apresentaram em todos os fatores,

médias menores em relação ao grupo com menos tempo de moradia e em dois desses fatores, uma significativa diferença: no fator "Sorte", os que moram há menos tempo revelam uma média de 11,45 e os mais antigos, 9,00 ($p < .01$) e no fator "Responsabilidade própria" há diferença significativa de 10,90 para 7,90 dos mais antigos ($p < .05$). As diferenças revelam ser o grupo mais recente no local, ainda voltado para a "Sorte" como possibilidade de mudança. Os itens 11 e 12 desse fator, apresentam significativa diferença em relação ao grupo antigo; enquanto o grupo recente acha que "deu azar na vida" e que "foi má sorte", o outro dá pouca ênfase a esse aspecto.

Em paralelo, a "Responsabilidade própria" elevada do grupo dos mais recentes é forma de reivindicação e não acomodação à situação precária de vida, acomodação essa que se apresenta entre os mais antigos.

As informações das entrevistas ilustram esses resultados. D. Carmem, moradora há seis anos diz: *"Meu trabalho atual é aqui, quando não tô trabalhando dentro de casa, tô dentro do lixo"*. Sr. Rafael, considera que: *"Esse lixo aqui é bom, a gente ganha dinheiro e dá pra levar a vida com a mulher e os filho. Faz muito tempo que eu trabalho aqui"* (morador há oito anos). É importante registrar que os moradores recentes apresentam uma diferença significativa em relação aos antigos quando assumem que "trabalham pouco" (4,27 para 2,72; $p < .01$). Vemos isto ilustrado na declaração de Carlinhos, morador há três anos: *"Eu acho aqui um ambiente bom de trabalhar, porque a gente ganha o pão, ou muito ou pouco mais ganha. Mas precisa muita coisa aqui dentro. Nem tudo que tá dentro do lixo é porque não presta, eu acho que tem gente aqui que presta demais até"*.

Vale salientar que todo o grupo se refere a "aqui dentro" e "lá fora", como duas realidades separadas, sendo "aqui dentro" mais protegido em relação às dificuldades do "lá fora". Uma pobreza sem miséria como eles julgam.

5.2.2 - Forma Adaptativa de Vida

A segunda Área Temática reúne dados que revelam como a comunidade do lixão consegue uma adaptação de vida em termos de qualidade e saúde, considerando suas relações com "si mesmo", com "ambiente" (de trabalho e de moradia) e com as condições "financeiras e culturais". Apresenta também os principais medos que os ameaçam frente aos quais procuram também adaptar-se.

A análise estatística é apresentada em quatro Tabelas (números 9, 10, 11 e 12), a partir de três variáveis: sexo, idade e tempo-moradia.

A Tabela 9, é a que apresenta os totais e os julgamentos da comunidade em relação à variável sexo.

Tabela 9. Satisfação com a Saúde : médias, desvios-padrão e valores de Z em função da **variável sexo**.

ITENS / FATORES		SEXO				Total		H vs M
		Homem. (n=07)		Mulher. (n=15)		Média.	D.P.	Z
ITENS		Média.	D.P.	Média.	D.P.	Média.	D.P.	
01	Você mesmo	3.00	.00	2.66	.61	2.77	.51	1.47
02	Sua saúde	2.57	.53	2.66	.61	2.63	.59	.605
03	A vida em geral	3.00	.00	2.46	.63	2.63	.53	2.12 ^a
04	Sua instrução	2.00	.57	2.20	.77	2.13	.72	.692
05	Sua renda familiar	1.66	.61	2.00	.57	1.77	.61	1.21
06	Seu trabalho	2.40	.63	3.00	.00	2.59	.59	2.34 ^a
07	Sua família	2.60	.82	2.57	.53	2.59	.73	.676
08	Seu local de moradia	2.33	.72	2.71	.75	2.45	.73	1.40
FATORES (e números dos itens)								
01	Si-mesmo (01, 02, 03)	2.60	.42	2.85	.17	2.68	.37	1.35
02	Financ. / Cultura (04, 05)	1.93	.59	2.00	.50	1.95	.55	.075
03	Ambiente (06, 07, 08)	2.44	.46	2.76	.25	2.54	.43	1.50

Nota: a = $p < .05$, b = $p < .01$, c = $p < .001$

Considerando os totais da amostra, a comunidade apresenta a maior média no fator "si mesmo". Em seguida, no fator "ambiente" e por último com relação ao fator "finanças e cultura". Todos se sentem bem consigo mesmos, na forma como vivem, morando e trabalhando no lixão, embora questionando as condições em que vivem com relação à saúde: *"Esse lixão era um lugar de ser atingido por um monte de doença ruim, mas graças a Deus não existe não. O que acontece com nós aqui é uma febre, uma gripe, dor de cabeça, isso todo mundo tem. O que dá aqui é pressão alta, por causa do sol quente que a gente leva e alergia da fumaça, era pra usar uma mascra"*, relata D. Márcia.

Com relação ao gênero dos entrevistados, as mulheres apresentam, nesses fatores, médias superiores às dos homens. Sentem-se bem com relação a si mesmas, em seguida com relação ao seu ambiente de trabalho e de moradia. No entanto é significativa a diferença em relação aos homens só no item 03 ($p < .05$), quando eles se sentem mais satisfeitos com a vida em geral. Para as mulheres, no item 06, é significativa a diferença ($p < .05$) com relação aos homens no que se refere ao trabalho que realizam no próprio lixão onde moram; uma condição que lhes favorece enquanto mães e domésticas que são.

A Tabela 10 apresenta os julgamentos da comunidade conforme duas faixas etárias: menores de 37 anos e maiores de 37 anos.

Tabela 10. Satisfação com a Saúde: médias, desvios-padrão e valores de Z em função da **variável idade (categorizada)**.

ITENS / FATORES		FAIXA ETÁRIA				<37 vs >37 Z
		<37 (n=12)		>37 (N=10)		
ITENS		Média.	D.P.	Média.	D.P.	Z
01	Você mesmo/	2.83	.38	2.70	.67	.294
02	Sua saúde	2.83	.38	2.40	.69	1.699 ^b
03	A vida em geral	2.58	.51	2.70	.67	.049
04	Sua instrução	2.16	.83	2.10	.56	.324
05	Sua renda familiar	1.66	.65	1.90	.56	.944
06	Seu trabalho	2.58	.66	2.60	.51	.156
07	Sua família	2.50	.79	2.70	.67	.674
08	Seu local de moradia	2.41	.79	2.50	.70	.107
FATORES (e números dos itens)						
01	Si-mesmo (01, 02, 03)	2.75	.32	2.60	.43	.007
02	Financ. / Cultura (04, 05)	1.91	.63	2.00	.47	.035
03	Ambiente (06, 07, 08)	2.50	.46	2.60	.40	.515

Nota: a = $p < .05$; b = $p < .01$; c = $p < .001$

Os mais jovens (< 37 anos) apresentam uma maior média no fator "si mesmo" e "ambiente" e por último, no fator "finanças e cultura".

Os mais velhos apresentam médias equivalentes em "si mesmo" e "ambiente" e por último, no fator "finanças e cultura". Os mais jovens sentem-se mais saudáveis, como demonstra a diferença significativa do item 2 ($p < .01$). Os dois grupos são próximos em relação ao julgamento que fazem sobre seu ambiente de vida e de trabalho, sentem-se adaptados. Assim se refere Carlinhos: "Saúde não é aperreio porque a gente não vê ninguém doente ai. A gente se arrisca a tudo, tem que tomar

um leite, uma cachaça, um quartinho, um negócio, aquilo outro, prá não ficar com o mau cheiro na barriga da pessoa, pra limpar o resto, certo? “. Com relação ao fator “finanças e cultura” são os jovens que demonstram mais insatisfação.

A tabela 11, a partir da variável tempo-moradia, situa a amostra em duas categorias: o grupo dos moradores até 4 anos e o grupo de 5 a 8 anos.

Tabela 11 . Satisfação com a Saúde: médias, desvios-padrão e valores de Z em função da **variável tempo de moradia (categorizada)**.

ITENS / FATORES		TEMPO-MORADIA				3-4 vs 5-8 Z
		3-4 anos. (n=11)		5-8 anos(η=11)		
ITENS		Média.	D.P.	Média.	D.P.	
01	Você mesmo	2.63	.67	2.90	.30	1.125
02	Sua saúde	2.63	.67	2.63	.50	.202
03	A vida em geral	2.63	.50	2.63	.67	.202
04	Sua instrução	1.90	.83	2.36	.50	1.390
05	Sua renda familiar	1.63	.67	1.90	.53	1.120
06	Seu trabalho	2.45	.68	2.72	.46	.973
07	Sua família	2.63	.80	2.54	.68	.671
08	Seu local de moradia	2.27	.78	2.63	.67	1.232
FATORES						
01	Fator: Si-mesmo	2.63	.45	2.72	.29	.209 ^a
02	Fator: Financ. / Cultura	1.77	.64	2.13	.39	1.550
03	Fator: Ambiente	2.45	.45	2.63	.40	1.061

Nota: a = $p < .05$; b = $p < .01$; c = $p < .001$

Os moradores mais antigos apresentam médias mais elevadas nos três fatores que os que residem há menos tempo, sendo a maior média no fator “si mesmo” seguido pelo “ambiente” e “finanças e cultura”. Esse grupo se encontra

melhor adaptado ou acomodado. Isso observamos na informação de D. Marta: *"Pra mim tá ótimo aqui, o que eu tinha que passar, já passei. Já passei as armaduras maior, mais pior é quem mora debaixo do viadulto ou da ponte, sem proteção de nada"*. Em relação ao fator "si mesmo", que inclui saúde e vida em geral, o grupo dos antigos apresenta diferença significativa com relação aos que moram há menos tempo ($p < .05$). Por sua vez esse grupo questiona mais sobre instrução, renda familiar e trabalho.

A tabela 12, apresenta os dados relativos aos medos vividos pela comunidade, trazendo as médias de toda a amostra, bem como de todos os medos conforme as variáveis: sexo, idade e tempo-moradia.

Tabela 12. Listagem de Medos: médias, desvios padrão e valores de Z em função das variáveis: sexo, idade e tempo de moradia (categorizados).

ITENS	TOTAL		Sexo			M vs H	Faixa Etária			Tempo-moradia (em anos)								
	Méd	DP	M = 15	H = 7	M		<37 (n=12)	>37 (n=10)	<37 vs >37	3-4 (n=11)	5-8 (n=11)	3-4 vs 5-8	Z					
Nº	Medos		Méd.	D.P.	Méd.	D.P.	Z	Méd.	D.P.	Méd.	D.P.	Z	Méd.	D.P.	Méd.	D.P.	Z	
01	Cobra	.50	.51	.73	.45	.00	.00	3.130 ^c	.66	.49	.30	.48	1.673	.72	.46	.27	.46	2.083 ^a
02	Rato	.68	.47	.60	.41	.42	.53	1.702	.58	.51	.80	.42	1.061	.63	.50	.72	.46	.447
03	Micróbio	.63	.49	.65	.35	.14	.37	3.211 ^c	.66	.49	.60	.51	.316	.72	.46	.54	.52	.866
04	Escuro	.36	.49	.46	.51	.14	.37	1.436	.33	.49	.40	.51	.316	.36	.50	.36	.50	.000
05	Chuva	.18	.39	.20	.41	.14	.37	.316	.16	.38	.20	.42	.197	.27	.46	.09	.30	1.080
06	Morte	.45	.51	.46	.51	.42	.53	.163	.41	.51	.50	.52	.381	.54	.52	.36	.50	.836
07	Doença	.68	.47	.73	.45	.57	.53	.741	.66	.49	.70	.48	.163	.63	.50	.72	.46	.447
08	AIDS	.95	.21	1.00	.00	.85	.37	1.463	.91	.28	1.00	.00	.912	1.00	.00	.90	.30	1.000
09	Dor	.45	.51	.66	.40	.00	.00	2.857 ^a	.50	.52	.40	.51	.458	.63	.50	.27	.46	1.673
10	Sangue	.23	.43	.35	.49	.00	.00	1.767	.33	.49	.11	.33	1.154	.36	.50	.10	.31	1.282
11	Médico	.09	.29	.06	.25	.14	.37	.565	.00	.00	.20	.42	1.507	.09	.30	.09	.30	.000

IIENS	TOTAL		Sexo				Faixa Etária				Tempo-moradia (em anos)							
	Nº	Medos	M = 15		H = 7		M vs H		<37 (n=12)		>37 (n=10)		3-4 (n=11)		5-8 (n=11)		3-4 vs 5-8	
			Méd.	D.P.	Méd.	D.P.	Z	Méd.	D.P.	Méd.	D.P.	Méd.	D.P.	Méd.	D.P.	Méd.	D.P.	Z
12	Acidente trabalho	.86	.35	.85	.37	.059	.75	.45	1.00	.00	1.662	.01	.40	.90	.30	.607		
13	Solidão	.45	.51	.14	.37	1.959	.41	.51	.50	.52	.381	.63	.50	.27	.46	1.673		
14	Velhice	.22	.42	.14	.37	.630	.25	.45	.20	.42	.272	.27	.46	.10	.40	.497		
15	Fome	.86	.35	.85	.37	.059	.75	.45	1.00	.00	1.662	.90	.30	.01	.40	.607		
16	Polícia	.52	.51	.57	.53	.301	.54	.52	.50	.52	.203	.50	.52	.54	.52	.203		
17	Miséria	1.00	.00	1.00	.00	.000	1.00	.00	1.00	.00	.000	1.00	.00	1.00	.00	.000		
18	Separação	.27	.45	.28	.40	.091	.25	.45	.30	.48	.256	.45	.52	.09	.30	1.870		
19	Ter raiva	.27	.45	.14	.37	.912	.25	.45	.30	.48	.256	.45	.52	.09	.30	1.870		
20	Desempr.	.86	.35	.85	.37	.059	.75	.45	1.00	.00	1.662	.90	.30	.01	.40	.607		
21	Ladrão	.90	.29	.65	.37	.565	.83	.38	1.00	.00	1.322	.90	.30	.90	.30	.000		
22	Violência	1.00	.00	1.00	.00	.000	1.00	.00	1.00	.00	.000	1.00	.00	1.00	.00	.000		

Nota. a = $p < .05$; b = $p < .01$; c = $p < .001$

Em relação à amostra total, os medos que apresentam as maiores médias foram em número de sete, em ordem decrescente: medo de miséria e violência (1,00); medo de AIDS(,95); medo de ladrão(,90); medo de acidentes de trabalho, medo da fome e desemprego(,86). As três menores médias em relação a medos foram: da velhice(,22); da chuva(,18) e de médico(,09). As entrevistas confirmam esses medos quando relatam: *"Violência existe aqui dentro, antigamente chegava muito carro de fora pra matar marginal aqui dentro do lixo e a gente trabalhando, podia ser atingido. Agora pra vista de antes está uma tranquilidade. O risco aqui é mesmo de um cheira-cola ou de um cheio de maconha, esses aqui não mexem com a gente, a cisma é da turma que vem de fora"* (Sr. Manoel).

Quanto aos acidentes de trabalho, fica evidente os riscos que a comunidade passa, como declara Sr. Almir: *"A gente não tem material pra trabalhar, trabalha mesmo com as mãos se cortando, principalmente de noite que a gente trabalha no escuro. Aí tem vidro, agulha que vem misturada no lixo"*.

Com relação a variável sexo, os medos com diferenças significativas são: medo de cobra, de dor e de micróbio, com médias bem superiores entre as mulheres.

Pela variável idade não há diferença significativa, observa-se no entanto, que os mais velhos (>37) têm médias mais elevadas, em relação aos jovens, nos medos de: ratos, AIDS, acidentes de trabalho, fome, desemprego, ladrão e violência. Os depoimentos seguintes revelam alguns deles: *"As vezes chega coleta hospitalar, as vezes aparece mão humana aí toda cheia de corte, de buraco, ninguém nem sabe de que doença foi né?"* Comenta D. Silvia. Já D. Iara resalta que: *"A gente que mora aqui trabalha de noite aí é movimento; só que é escuro, aí a gente tem que ter um pouco de susto, de noite ninguém sabe quem é preto e quem é branco"*. Sr. Almir confirma: *"É duas coisas que a gente aqui tá*

precisando, água e luz. Já pensou nesse escuro e precisar ir pro lixo? O aperreio maior daqui é a segurança”.

O tempo-moradia, como variável, determina alguns resultados interessantes observando-se as médias dos residentes há menos tempo(3-4 anos). Praticamente não temem acidente de trabalho(,01); os que vivem há mais tempo(,90), sim. Os residentes há mais tempo não temem o desemprego e a fome(,01); já os residentes há menos tempo(,90), sim. A experiência de viverem há mais tempo no lixão deixa-os mais adaptados e até confiantes.

5.2.3 - Satisfação com a Vida

A terceira Área Temática revela todos os resultados da comunidade quanto a seus julgamentos sobre o Bem-Estar que experimentam com a vida que levam. A tabela 13 apresenta qual a satisfação e felicidade que experimentam e seus afetos positivos e negativos em relação às variáveis: sexo, idade e tempo-moradia. Os dados das entrevistas sempre confirmam esses resultados.

Considerando as médias sobre os itens de Satisfação com a vida, os homens se mostram mais satisfeitos que as mulheres; os mais jovens mais do que os maiores de 37 anos. A significativa diferença do item 04 para os jovens ($p < .05$), demonstra este fato. E os moradores há menos tempo também estão mais satisfeitos que os mais antigos. Assim demonstra o comentário de Manoel: *"Graças a Deus me sinto bem aqui. Já morei em quarto alugado e em casa dos outros, mas me senti mais pior do que aqui, por isso eu acho que me sinto bem"*.

A felicidade é equivalente entre homens e mulheres e entre os mais jovens e os mais velhos. São os jovens que apresentam uma diferença significativa com relação ao item 4; sentem-se tristes. Acontece também diferença significativa no item 5 com os moradores há menos tempo no lixão; a felicidade é mais evidente entre eles.

Com relação ao afeto positivo e afeto negativo (auto-estima), não há diferenças significativas em nenhuma das três variáveis. De forma geral eles se vêem assim: *"Eu me sinto como uma pessoa qualquer, apesar que tem gente que tem preconceito porque a gente mora dentro do lixo. Não é uma coisa desorganizada não; o lixo é pra lá, eu faço sujeira se eu quiser. Eu me comparo com qualquer pessoa que vive em apartamento por aí. Eu me acho importante porque sou dona da minha casa"*(D. Marta). Sr. João confirma esses dados quando afirma: *"Acho que o lixão ajuda muita gente aqui, se ele se acabasse muito pai de família ia começar a pegar no que é dos outros e mãe de família também. Com isso a gente tá satisfeito porque meus filhos não pega o que é dos outros e disso eu tenho honra e não tenho preconceito com a vida que levo"*.

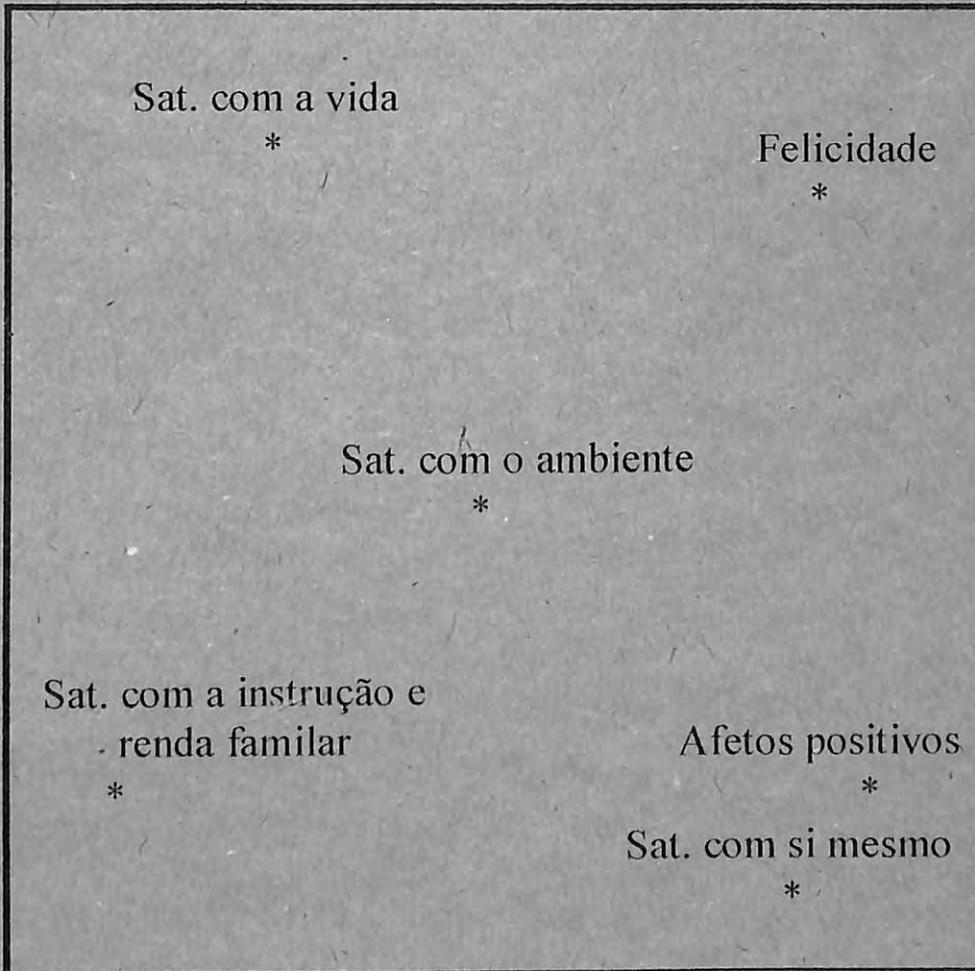
Além da Análise Estatística Não-paramétrica, os dados foram submetidos à Análise Multidimensional da Estrutura de Similaridade (*"Similarity Structure Analysis"* – SSA), que projeta os dados em um espaço (representados por

pontos) cujas distâncias refletem o grau de similaridade e as interrelações entre eles. (Roazzi, 1995)⁶.

Projeção 1

Análise SSA dos diferentes sentidos de satisfação

Coordenada 1 versus 2 da análise tridimensional



⁶O método utilizado foi o Não-Paramétrico e Multidimensional, fazendo uso dos dados originais respeitadas todas as peculiaridades qualitativas. Os dados categóricos foram transformados em uma representação geométrica, o escalograma, conseguindo uma comparação de variável por variável, considerando todo o perfil de dados.

A forma de análise nesse procedimento foi a da Estrutura de Similaridades "Similarity Structure Analysis" (SSA), que é basicamente um escalonamento multidimensional não métrico, onde o princípio fundamental é de proximidade; quanto mais semelhantes as observações em termos de como são definidas, mais próximas elas estarão relacionadas empiricamente. A representação geométrica do SSA considera as interrelações entre os vários itens (ver aplicação deste tipo de análise na Antropologia em Russell, 1994).

O que é importante no SSA, é a divisão do espaço da projeção em regiões. Procura arrumar os dados em um espaço multidimensional (projeção) que melhor permita representar as relações dos itens (através de pontos), com todos os outros itens. A projeção é desenvolvida a partir da relação entre os itens; itens compartilhando facetas comuns são encontrados na mesma região espacial, ou seja, todos os itens de uma categoria se localizam na mesma região. O programa de computador basicamente analisa a configuração das categorias designadas para cada item e as representa em um espaço geométrico.

Essa projeção expõe com clareza o quanto o ambiente, no que se refere ao mesmo local de trabalho, moradia e convívio familiar, é determinante na vida dos bagulhadores. A satisfação com o ambiente desempenha um papel modular em relação as demais dimensões ou facetas da satisfação. Em torno dele, os afetos positivos e satisfação consigo mesmo (auto-estima), a satisfação com a vida em geral, a felicidade e a satisfação com instrução e renda familiar, coerentemente se interdependem em função da satisfação com o meio. Isto significa que o nível de satisfação com o ambiente é fundamental para o sentido de satisfação dos moradores do lixão.

Em síntese, a partir das várias análises acima apresentadas podemos inferir que os bagulheiros deixam passar uma informação de vida difícil, de consciência do preconceito deles próprios com sua condição de vida, dos riscos que passam com a violência, com a saúde comprometida, no entanto, não reagem negando essas circunstâncias de vida e sim buscando transcendê-las com formas adaptativas de vida estranhas ao nosso comportamento psicossocial no cotidiano.

Procuram-se valorizar, cobram, reivindicam, não se colocam na posição de vítimas e nem se anulam. Esse é um modelo de comportamento comum a todos e para isso tiveram que inverter valores de referência para sobreviverem como conseguem.

Essa comunidade é competitiva com relação ao lixo, mas unida em defesa de seu espaço físico, suas condições de vida, suas reivindicações.

Refere ser o governo responsável pela sua pobreza, mas também vêem que há determinação de Deus-destino, como explicação. Em nenhum momento

consideram-se responsáveis por ela omitindo-se de uma atitude negativa em relação a eles mesmos.

Vimos como a comunidade consegue sua forma adaptativa à insalubridade. Sentem-se bem consigo mesmos e adaptados ao ambiente, embora insatisfeitos com a renda que conseguem do lixo. O que costuma estressar essa comunidade e deixá-los continuamente ameaçados, é principalmente o medo da violência e da miséria que, segundo eles, está fora do lixo.

Constatamos também que há satisfação e felicidade entre eles e que a auto-estima existe em boa frequência, principalmente nos mais jovens.

Nós, culturalmente falando, jogamos o lixo fora, não colocamos nossas mãos nesse material. O nojo predomina como expressão nossa frente a dejetos; mesmo com a reciclagem ainda não valorizamos o lixo. O grupo de bagulheiros acolhe o lixo, põe a mão no lixo e passa a vê-lo como matéria-prima de trabalho. Vivendo nele transcendem o nojo, desafiam riscos e selecionam o que preferem e precisam, mantendo-se, segundo eles, longe da miséria.

Conclusão

Descrevemos como a comunidade do lixão de Aguazinha atualiza seu potencial adaptativo e realizamos nossa tentativa de medir esse potencial. Buscamos explicações e compreensão para seus julgamentos, valores e crenças e interpretamos, inferindo sobre os resultados atingidos.

Para concluir partiremos do resgate ao referencial teórico consultado, onde em diferentes momentos, encontramos fatores que localizam explicações para um grupo humano conseguir conviver com o lixo, vivendo dentro dele, sendo esse local de moradia e trabalho.

Um dos fatores está ligado à questão das práticas medievais que não conheciam a separação, principalmente, entre o corpo e seus resíduos. O lixo era assimilado pela população, porque a sua transformação acontecia sem rejeição. Considerava-se vida no dejetos, na morte e morte na vida. Assim se passa no lixão: a questão do preconceito com o lixo está do lado de fora, para onde o lixo retorna catado ou separado, para a reciclagem acontecer. Nosso grupo em estudo mantém esse traço da cosmovisão da sociedade medieval, o que lhes proporciona essa condição básica para sua adaptabilidade. É um grupo que por essa condição, apesar de viver excluído pela sociedade prevaiente, resiste e recicla enquanto sobrevive.

Outro fator nos faz inferir que essa comunidade também apresenta traços de uma "sociedade da afluência" que segundo Sahlins significa viver numa espécie de abundância material, todos tendo e podendo fazer o que necessitam, livremente. Têm material para construir seus casebres; têm material farto e variado para seu trabalho; têm material ainda prestável para alimentação. Há facilidade de produção, há simplicidade de tecnologia e democracia da

propriedade. A divisão de trabalho é simples, predominando a divisão por gênero: homens vão à caça do lixo e também bagulham; mulheres só bagulham e com alguma preferência pela noite, enquanto os filhos dormem.

A necessidade de movimento para manter a produção os fazem não acumular excedentes. Suas ferramentas de trabalho não podem se tornar mais uma carga, usam o corpo como a principal delas. Parece que essa comunidade manipula bens e pessoas de uma forma paralela e daí a possível explicação do aparente controle da natalidade em 3,5 filhos por família e da ausência de idosos na comunidade. São evitadas no grupo cargas e pessoas que não podem transportar a si próprias e retardariam o movimento da família e da comunidade, principalmente, quando tivessem que procurar novo aterro sanitário, já que os lixões tem uma vida curta pela acumulação do lixo ser limitada, geograficamente.

Reverendo também a Cultura da Pobreza de Oscar Lewis, o grupo de bagulheiros confirma duas das características enumeradas por ele: "As moradias precárias e o gregarismo" e "A família centrada na mãe e a ausência de infância". A terceira característica não foi confirmada; refere-se à "falta de participação na sociedade inclusiva". Os bagulheiros interagem com essa sociedade através das campanhas políticas e religiosas que chegam até eles; também na frequência à Escola e ao Posto de Saúde de Peixinhos; principalmente sentem-se fazendo parte de uma só estrutura de vida podendo compartilhar dos mesmos direitos e deveres, numa espécie de consciência ecológica que integra diferentes ecossistemas, sociedades e todos os indivíduos. Por essa razão a maioria deles refere o Governo como responsável pela sua pobreza e não assumem responsabilidade própria por ela. Consideram-se desempregados e por isso, catadores de lixo, uma nova identidade assumida por eles, às duras penas. Vivem nesse mercado informal de trabalho a mesma rede de reciprocidades,

paternalismo-clientelismo, de qualquer grupo social no contexto urbano, não parecendo viverem numa cultura da pobreza(ver "Atribuição de Causalidade à Pobreza", Capítulo 5 pp 54-57).

Sua quarta característica, sobre "o forte sentimento de marginalidade e inferioridade" que também caracterizaria a cultura da pobreza não se confirma entre os bagulhadores. Esse grupo que desafia questões ecológicas, que transcende a questão dos dejetos, também reciclou seus sentimentos.

A comunidade do lixão expressa satisfação com a vida que levam, embora questionem melhorias e uma auto-estima satisfatória. No entanto não negam que se sentem um grupo diferenciado e confirmam o preconceito de que são alvo, com relação a sua imagem de catadores de lixo, mas não se sentem, nem se dizem marginais. Na realidade temem os marginais, os ladrões e o risco de serem confundidos com um deles. Valorizam a família e os filhos e referem uma preocupação em se documentarem para a preservação de sua integridade moral(ver "Satisfação com a Vida", Capítulo 5, pp 69-72).

O nível de adaptação que essa comunidade atinge, nos faz inferir o quanto sua imunidade biológica se enriquece de defesas e o quanto em paralelo, adquirem de imunidade sócio-cultural ou seja, no plano de valores e crenças; as conhecidas defesas psicológicas. Toda essa imunidade adquirida favorece a manutenção desse ecossistema num cotidiano que aparentemente nos é estranho, mas parece confirmar a diversidade ecológica humana(ver "Forma Adaptativa de Vida", Capítulo 5, pp 61-69).

Ficou evidenciado que o ambiente de vida que caracteriza esse grupo, condiciona o seu desenvolvimento e suas condições de saúde e define essa questão multifatorial, ligando-a diretamente à salubridade do meio-ambiente.

O objetivo deste trabalho foi atingido através das três Áreas Temáticas exploradas desde a pesquisa, até à elaboração da dissertação, a saber: Atribuição de Causalidade à Pobreza, Forma Adaptativa de Vida e Satisfação com a Vida.

O pressuposto de que a comunidade teria satisfação com a vida que leva, ficou confirmado quando nesse habitat tão inóspito, forma-se esse ecossistema com características adaptativas satisfatórias, desenvolvendo três histórias em paralelo: a sua própria enquanto grupo; a do lixo em si mesmo como objeto material; e a do significado atribuído ao lixo enquanto invento cultural.

Assim, como o lixeiro que no final do século XIX surgiu como figura de vanguarda a anunciar um mundo novo, quando naquela época eles próprios eram os dejetos sociais (presos, velhos, doentes, loucos, camponeses), hoje no final do século XX, ressurgiu a figura do lixeiro na pessoa do bagulhador ou catador de lixo, que de novo se coloca na vanguarda do terceiro milênio como mão-de-obra pesada da reciclagem, que prepara o mundo para enfrentar a pós-modernidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araújo, Lídice (1997). Trabalho, sociabilidade e exclusão social: o caso dos bagulhadores do lixão de Aguazinha. (Dissertação de mestrado em Antropologia – UFPE).
- Balandier, Georges (1976). Antropológicas. São Paulo. Ed. Cultrix.
- Berlinger, Giovanni (1988). A doença. São Paulo. Ed. Hucitec.
- Bosio, Albino C. (1991). La salute pensata. Per un' analisi psicosociale della cultura della salute oggi in Italia. Em Mário Bertini (Ed.), Psicologia e salute. Roma. La Nuova Italia Scientifica.
- Campbell, A., Converse, P.E. E Rodgers, W.L. (1976). The quality of American life. New York: Russell Sage Foundation.
- Campbell, Bernard (1983). Ecologia Humana. Lisboa. Ed. 70.
- Carvalho, Edgar. (1978). Antropologia Econômica. São Paulo: Ed. C. Humanas.
- Castells, Manocl (1979). Problemas de investigação em Sociologia Humana. Lisboa. Ed. Presença.
- Chrisholm, Anne (1974). Ecologia : uma estratégia para sobrevivência. Ed. Rio de Janeiro - Zahar.
- Curry, Lindahl, Rai (1972). Ecologia : conservar para sobreviver. São Paulo. Ed. Cultrix.
- Drew, David (1983). Processos interativos homem e meio-ambiente. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil.
- Durham, Eunice. Cardoso, Rute (1986). (Eds.) A aventura antropológica -Teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Engelmann, A. (1986). LEP : Uma lista, de origem brasileira, para medir a presença de estados de ânimo no momento em que está sendo respondida. Ciência e Cultura, 38, 121-146.

FIDEM – Fundação de Desenvolvimento da Região Metropolitana do Recife, (1995) Recife. Relatório – estudos preliminares, vol. I e II.

Godelier, Manrice (1976). Antropologia e Biologia. Barcelona. Editorial Anagrama.

Kovarick, Lúcio (1979). A espolição urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Kovarick, Lúcio (1982). O Cortiço : cem anos de promiscuidade. Novos estudos. CEBRAP, 1 (2).

Leal, Maria do Carmo (1992). (org.). Saúde, ambiente e desenvolvimento. S. Paulo e Rio de Janeiro; Hucitec-Abrasco. I e II.

Lewis, Oscar. (1961). Antropologia de la pobreza. México: Fundo de Cultura Econômica.

Minayo, Maria Cecília S. (1994). O desafio do conhecimento. São Paulo-Rio de Janeiro : Hucitec-Abrasco.

Motta, Roberto e Scott, Parry (1983). Sobrevivência e fontes de renda - estratégias das famílias de baixa renda no Recife. Fundação Joaquim Nabuco. Recife. Ed. Massangana.

Neto, F. *et al.* (1990). Satisfação com a vida. Em (Eds.), A acção educativa : Análise psicossocial. Leiria, ESEL/APPORT. 105-117.

Oliven, Ruben George. (1985). A antropologia de grupos urbanos. Petrópolis-Rio: Vozes.

Palen, J. John. (1975). O mundo urbano. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Perlman, Janice. (1977). O mito da marginalidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Roazzi, Federicci, Wilson et al (1993). Reconstruindo a trama primitiva da representação social do medo.

Roazzi, A. (1995). Categorização, formação de conceitos e processos de construção do mundo. Temas em psicologia. Cadernos de Psicologia, 1, 1-27.

- Rodrigues, José Carlos (1995). Higiene e Ilusão. Rio de Janeiro: NAU - Editora.
- Russell, H. (1994). Research Methods in Anthropology. London: SAGE Publications.
- Sahlins, M.D. (1978). A primeira sociedade de afluência. Em Edgar Carvalho, (Eds.). Antropologia Econômica. S. Paulo: C. Humanos.
- Sahlins, M.D. (1966). A cultura e o meio ambiente : o estudo da ecologia cultural. Em Panorama da Antropologia. Brasil-Portugal: Fundo de Cultura.
- Sen, Amartija. (1993). A economia da vida e da morte. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 23 (8), 138 - 145.
- Silva, Carlos Eduardo Lins (1978). Ecologia e Sociedade. São Paulo. Ed. Loyola.
- Simões, Antônio. (1992) Ulterior validação de uma escala de satisfação com a vida (SWLS). Portugal: Universidade de Coimbra.
- Siqueira, I. L. (1984). Atribuição de causalidade pela condição de favelado. Tese de mestrado. Universidade de Brasília.
- Tamayo, Álvaro (1994). Escala fatorial de atribuição de causalidade à pobreza. Psicologia: Teoria e pesquisa, 10 (1), 21-28.
- Valentine, Charles. (1968). La cultura de la pobreza. Buenos Aires: Amorrortu.
- Velho, Gilberto (1980). (Ed.) O desafio da cidade. Rio de Janeiro. Campus Ltda.
- Viertler, R. (1988). Ecologia Cultural : uma antropologia da mudança. São Paulo: Ática.

Anexo 1 – Roteiro da Entrevista

Iniciar pelos dados de identificação, para posterior preenchimento da ficha.

Seguir depois essas indagações:

1. Por que você escolheu vir para cá?
2. Como foi para você se organizar aqui?
3. Você sente alguma dificuldade em morar aqui? (vê algum risco para você?) Pedir exemplos.
4. Fale de um dia seu no lixão.
5. Você quer deixar algum recado para esse meu trabalho?

Anexo 2 – Dados de Identificação

Nome:		Protocolo Número:	
Sexo:	Idade:	Estado Civil:	Profissão:
Trabalho:	Com quem mora:	Renda Familiar:	Religião:
Mora no lixão há quando tempo:		Procedência:	
Problemas de Saúde:		Outras Informações:	

Anexo 3 – Escala de Bem-Estar Subjetivo

BES – Escala do Bem-Estar Subjetivo	C.M.	C.P.	I	D.M.	D.P.
* Itens de Satisfação com a Vida:					
1. Quando olho para a minha vida, eu me sinto muito satisfeito(a)					
2. Tenho conseguido tudo o que esperava da vida					
3. Tenho aproveitado ao máximo as oportunidades da vida					
4. Não mudaria meu passado mesmo se eu pudesse					
* Itens de Felicidade:					
1. Tenho cada vez menos razões para viver					
2. Minha vida poderia ser mais feliz					
3. Sou tão feliz agora como quando era mais jovem					
4. Esta é a frase mais triste da minha vida					
5. Esses são os melhores anos da minha vida					
* Itens de Afeto Positivo:					
1. Sinto-me "de bem com a vida"					
2. Sinto-me animado(a)					
3. Sinto-me contente					
4. Sinto-me no auge da vida					
* Itens de Afeto Negativo:					
1. Sinto-me impaciente					
2. Sinto-me triste					
3. Sinto-me solitário(a)					
4. Sinto-me inútil					

Anexo 4 – Fatores de Qualidade de Vida

Em que medida você está satisfeito(a) com:	M.S.	P.S.	INS.
* Itens sobre “si mesmo”			
1. Você mesmo			
2. Sua saúde			
3. A vida em geral			
* Itens sobre “condições financeira/cultura”			
4. Sua instrução			
5. Sua renda familiar			
* Itens sobre “ambiente”			
6. Seu trabalho			
7. Sua família			
8. Seu local de trabalho			

Anexo 5 – Listagem de Medos

Listagem de Medos	S.	N.	I.
01. Cobra			
02. Rato			
03. Micróbio			
04. Escuro			
05. Chuva			
06. Morte			
07. Doença			
08. AIDS			
09. Dor			
10. Sangue			
11. Médico			
12. Acidente do trabalho			
13. Solidão			
14. Velhice			
15. Fome			
16. Polícia			
17. Miséria			
18. Separação			
19. Ter raiva			
20. Desemprego			
21. Ladrão			
22. Violência			

Anexo 6 – Explicações Causais de Pobreza

Explicações Causais de Pobreza	CM	CP	I	DM	DP
* Itens sobre "Deus-destino"					
1. É vontade de Deus					
2. Nascermos para seguir esse caminho					
3. É assim que está escrito					
* Itens sobre "responsabilidade própria"					
4. Trabalhamos pouco					
5. Não pensamos no futuro					
6. Não temos ambição					
* Itens sobre "autoridade/governo"					
7. Os salários são muito baixos					
8. O governo não distribui as terras					
9. Os ricos não ajudam quem precisa					
* Itens sobre "sorte"					
10. É questão de sorte na vida					
11. Dou azar na vida					
12. Foi má sorte					

DOAÇÃO	Bº
ENTIDADE	PIU
VALOR	40,00
DATA	06/04/98

39

5676 s